

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**UM CAPATAZ DESLOCADO NA ESTÂNCIA DE SÃO PEDRO: O ENCÔMIO  
DO GAÚCHO-HERÓI E A CRÍTICA AO GOVERNO DE BORGES DE  
MEDEIROS NA SÁTIRA POLÍTICA *ANTÔNIO CHIMANGO* (1915)**

EVERSON VEIGA

Porto Alegre

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

EVERSON VEIGA

**UM CAPATAZ DESLOCADO NA ESTÂNCIA DE SÃO PEDRO: O ENCÔMIO  
DO GAÚCHO-HERÓI E A CRÍTICA AO GOVERNO DE BORGES DE  
MEDEIROS NA SÁTIRA POLÍTICA *ANTÔNIO CHIMANGO* (1915)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a conclusão do  
curso de Licenciatura em História ao  
Departamento de História da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos  
Guazzelli

Porto Alegre

2019

EVERSON VEIGA

**Um capataz deslocado na estância de São Pedro: o encômio do gaúcho-herói e a crítica ao governo de Borges de Medeiros na sátira política *Antônio Chimango* (1915)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em História ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli - Orientador - UFRGS

---

Prof. Dr. Fábio Kühn - UFRGS

---

Profa. Dra. Carla Renata Antunes de Souza Gomes - FSG

Porto Alegre

2019



**Foto do autor:** espécime de *Milvago chimango*<sup>1</sup> flagrado em cena de rapina na Doca de

---

<sup>1</sup> “CHIMANGO, *Milvago chimango* 38cm. Representante meridional semelhante ao anterior (CARRAPATEIRO, *Milvago chimachima*); totalmente pardo com a cabeça e partes inferiores providas de desenho um pouco mais claro; coberteiras superiores da cauda e área na asa brancas. Imaturo semelhante, mais escuro do que um carrapateiro imaturo. *Voz*: assobio prolongado, típico, frequentemente seguido por chamados roucos: “iii-a”, “iii a-tchá tchá tchá”, “chiä-kiä, kiä, kiä” que se distingue perfeitamente da voz do carrapateiro; em geral é menos loquaz do que este. Alguns cantam às vezes juntos, lembrando o coro do gralhão. *Alimentação, hábitos*: Particularmente vivaz, é capaz de adaptar-se à alimentação variada; faz, por exemplo, tanto o papel do carrapateiro, tirando parasito do gado, como o do urubu, comendo carniça e competindo com o caracará, p. ex., ao lado de rodovias. Aprende a tirar ovos da tartaruga, *Pseudemys dorbigni* (Rio Grande do Sul), surpreendendo o réptil no ato de pôr. Procura queimadas, onde se encontra com o gavião-caboclo, e segue os arados, afluindo às centenas para as terras lavradas; também vai para perto da costa, sendo encontrado junto com gaivotas (*Larus maculipennis*) e quero-queros (Rio Grande do Sul). Tira ninhegos e chega a atacar aves adultas. Ao contrário do carrapateiro tem voo firme, lembrando de certo modo um representante do gênero *Falco*. Agressivo para com outras rapineiras, vimo-lo atacar, por exemplo, *Polyborus*, *Heterospizias*, *Geranoaetus* e *Cathartes burrovianus*. Associa-se no crepúsculo em grandes bandos no chão, p. ex., numa área arada. Habita regiões campestres, campos de cultura, beira do mar em praias, em qualquer paisagem aberta. Ocorre da Terra do Fogo ao Paraguai, Rio Grande do Sul

Rio Grande, em frente ao CCMar (Centro de Convívio dos Meninos do Mar-FURG/Rio Grande). Em vez de *feijão, milho assado, mel e canjica, rolão, pastel*, um farto rebotalho de rato por ele mesmo predado. Foto tirada em 22/06/2018, Nikon Coolpix L820V1.0, dimensões de 4680 x 3456.

---

e Santa Catarina; encontramos-lo também em Minas Gerais (Juiz de Fora, junho; Serra da Canastra, fevereiro). [Estende sua aparição para o norte atingindo Mato Grosso do Sul (Pinto 1964), Goiás (J. L. Albuquerque), São Paulo (Willis & Oniki 1993) e Rio de Janeiro (Pacheco et al. 1994).] Muito popular no Rio Grande do Sul (onde “chimango” é apelido; “não gastar pólvora com chimango”, etc.), região na qual é abundante, substituindo, até certo ponto, o carrapateiro”. In: SICK, Helmut. *Ornitologia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. P. 265. Para saber mais, pode-se consultar uma excelente ferramenta como a WikiAves, enciclopédia colaborativa dedicada ao mundo das aves, na qual há mais de 1800 espécies registradas a partir de fotos, vídeos e arquivos de áudios enviados por colaboradores, ao que tudo indica, de quaisquer lugares do mundo. O portal conta com mapas indicando a distribuição geográfica das espécies registradas, além de estar embasada em boa informação científica, com a indicação das árvores filogenéticas das espécies. Link: <<https://www.wikiaves.com.br/wiki/chimango>>. Consultado em 07/06/2019. Neste link específico, tem-se acesso aos registros da espécie *Milvago chimango*.

*Aria*

*Cesare*

*Empio, diró, tu sei,  
togliti a gli occhi miei,  
sei tutto crudeltá.*

*Aria*

*Sesto*

*Svegliatevi nel core,  
furie d'un alma offesa,  
a far d'un traditor  
aspra vendetta!*

**Nicola Francesco Haym, libretista  
d'ópera Giulio Cesare in Egitto, de  
George Frideric Handel (1685-1759).  
Acima, trechos de árias do primeiro  
ato, cenas três e quatro,  
respectivamente<sup>2</sup>.**

---

<sup>2</sup> Traduzimos livremente as árias citadas: *Cesare: Ímpio, direi, tu és, / some-te aos olhos meus, / és todo crueldade. Sesto: Despertaí-vos no coração, / fúrias de um'alma ofendida, / a fazer de um traidor / áspera vingança!*

## AGRADECIMENTOS

Imprevisíveis foram as circunstâncias que me levaram a esta pesquisa. Contudo, alguns fatos possibilitaram-na e a algumas pessoas cabem meus agradecimentos.

Tive primeiros contatos com a obra que vim a analisar quando trabalhava em uma livraria de Porto Alegre. Lá, respeitosos membros do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul reuniam-se para discuti-la. À época, o tema soava-me como coisa velha, rescendia a mofo mesmo. Eu não os entendia. Não sabia, sequer, que o autor que a escreveu chamava-se Ramiro Barcellos.

Em uma disciplina obrigatória ofertada no quinto semestre de minha graduação, História do Rio Grande do Sul, ministrada pelo empolgante professor Fábio Kühn, foi-me pedida uma monografia final como critério avaliativo, somada a uma resenha de artigo. Envaidecido e assustado com esta possibilidade, e um tanto quanto assombrado pelas múltiplas facetas da história gaúcha – a maioria das quais não me interessava em nada –, lembrei daquele velho livro e de uma edição encardida que dele eu possuía. Li-o... e a risada correu frouxa! Agradeço, pois, ao professor Fábio Kühn, que pensou com carinho nesta possibilidade de pesquisa e que, com a nota 10 e o elogio pela bibliografia que então eu havia selecionado, motivou-me, sem saber, a, mais tarde, retornar ao tema e pensar em abordá-lo numa pesquisa aprofundada.

Antes disto, porém, devo meu agradecimento ao professor Anderson Zalewski Vargas, que me acolheu, recém-saído do segundo semestre de graduação, em seu grupo de pesquisa sobre a historiografia antiga e a retórica nos mundos greco-romano e atual. Primeiro a me possibilitar a pesquisa acadêmica e em arquivo, além da organização de eventos, é meritório o agradecimento que lhe dirijo.

Aos Barcellos que vim a conhecer e que me abriram algumas portas: Guy Barcellos, indefectível companheiro, pela saborosa sapiência e paciência com que me aconselhou durante as perplexidades ante a docência e esta pesquisa, além dos outros dulçores e sabores que pude extrair do nosso convívio. E ao meu orientador, Cesar Augusto Barcellos Guazzelli, em nada aparentado ao anterior (nem ao autor da obra que estudei), por ter acolhido de imediato meu projeto de pesquisa e lhe reconhecido mérito e originalidade.

Como se pode ver, estes agradecimentos não obedecem a cronologias nem hierarquias, e é por isso que ainda cabem os agradecimentos à minha família: à minha mãe, Márcia Rodrigues Veiga, por ter sempre me estimulado o estudo e nunca ter me

direcionado caminhos indesejados; ao meu avô, Mário Ruys Veiga, pela fortaleza moral que me serve de exemplo, além da atitude de pai que sempre teve comigo, ajudando-me, estimulando-me e oferecendo-me paciência. À minha avó, Neiva Mariza Rodrigues Veiga, pela sempre dulcíssima companhia, pelo calor que emana, pela bondade bruta com que sempre me reabasteceu de ânimo e vigor e ao meu tio Marco Antônio Rodrigues Veiga, pela companhia e pela ajuda emocional em momentos de dificuldade, dedico-lhe o respeito pela sua pessoa e pelo amigo que ele é.

Agradeço, ainda, aos funcionários da Livraria Traça, sempre céleres e respeitosos, quando a eles acorri para buscar as encomendas de obras indispensáveis para a pesquisa.

Aos funcionários da Biblioteca Rio-Grandense, da cidade de Rio Grande, pela presteza com que me cederam material e o disponibilizaram em cópias úteis para os anexos desta pesquisa.

Aos membros do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, pela sugestão de consulta ao exemplar mais recente de *Antônio Chimango* e pelo convite de conhecer o acervo Ramiro Barcellos.

A Lauro Barcellos, pela amizade e pelo apoio em outros projetos. A Dóris Wonghon, pela presteza e pela ajuda na impressão de materiais de que precisei.

Aos colegas e amigos que temperaram o curso, facilitando a travessia por este mundo interessante de conhecimento e pesquisa: Gabriel Leiria, Karen Garbo, Marcos Souza Rodrigues e Pedro Jung Thomé.

## RESUMO

Este trabalho analisa as representações de gaúcho e anti-gaúcho no poemeto campestre *Antônio Chimango*, escrito por Amaro Juvenal, pseudônimo de Ramiro Fortes de Barcellos, em 1915. Compreendida como uma sátira política, busca-se, no estudo do contexto político da República Velha gaúcha e na relação do estado do Rio Grande do Sul com a recém-proclamada República, assim como na atuação do escritor na imprensa rio-grandense, as motivações para a escrita da obra, as explicações possíveis para as imagens de gaúcho que são construídas na sátira e a relação deste poema com um sistema literário mais amplo, aqui convencionado como a gauchesca. Parte-se de pressupostos dos campos histórico e literário que veem a literatura como fonte primária de estudos históricos, capaz de formar identidades e perpetuar estereótipos. Conclui-se que a obra analisada faz crítica ao governo do então presidente do estado do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros, então em seu terceiro mandato, mas também a um modo particular de governar, que seria a ditadura científica republicana, inspirada no positivismo e baseada no mandonato.

**Palavras-chave:** Antônio Chimango; Amaro Juvenal; Ramiro Barcellos; Borges de Medeiros; Sátira política; Positivismo.

## ABSTRACT

In this work we analyze the portrayal of the gaucho (southern American cowboy) and also the “anti-gaicho” in the countryside poetical work *Antônio Chimango*, written by Amaro Juvenal, Ramiro Barcellos’ alias, in the year of 1915. Understood as a political satire, in this work we aim to find plausible elucidations to the pictures of gaucho carried in the satire also the relation of this poem with a wider literary system in the study of the political context of the southern “Old Republic” and the Rio Grande do Sul state relation with the then recently declared Brazilian Republic, also the writer’s work in the southern press and the scope of his poetical work. We depart from the assumptions of the historic and literary field which understand literature as a primary source of historical works, capable to form identities and forge stereotypes. We conclude that the analyzed work of art presents a critic to Borges de Medeiros’ government of Rio Grande do Sul, in that time on his third term, but also to a peculiar way of ruling, which could be considered a “scientific republican dictatorship”, inspired in the Auguste Comte’s European positivism.

**Key-words:** Antônio Chimango; Amaro Juvenal; Ramiro Barcellos; Borges de Medeiros; Political satire; Positivism.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	1
<b>Capítulo 1</b> – Entre fronteiras, ou como usar a literatura para fazer história: representação e identidade regional.....	6
<b>Capítulo 2</b> – De rio-grandense a gaúcho: o triunfo do gaúcho-herói sobre o monarca das coxilhas e os mandões.....	14
2.1 – Um longo trajeto.....	15
2.2 – A sátira mordaz.....	17
2.2.2 – O poemeto campestre <i>Antônio Chimango</i> e sua sátira política.....	20
2.2.3 – O poema no sistema: <i>Antônio Chimango</i> e a gauchesca.....	44
2.3 – O lugar de <i>Antônio Chimango</i> em nossa literatura: a visão de literatos.....	46
<b>Capítulo 3</b> – O castilhismo e o borgismo: como nasce <i>Antônio Chimango</i> e a crítica de tio Lautério ao mandonato republicano.....	48
<b>Considerações finais</b> .....	58
<b>Bibliografia</b> .....	62
<b>Anexos</b> .....	68

## Introdução

Este trabalho irá se debruçar sobre a sátira política *Antônio Chimango* (1915), escrita por Ramiro Barcellos (1851-1916), sob o pseudônimo de Amaro Juvenal. Nela, buscar-se-á analisar como resgata-se e idealiza-se a imagem de um gaúcho-herói, ao passo em que se erige um anti-herói, qual seja, o *Antônio Chimango*, que nada mais é do que uma tentativa de derruir a imagem do então presidente do estado do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros, atribuindo-lhe todos os caracteres contrários à conformação identitária do gaúcho-herói.

Para tanto, irá se empreender uma análise pormenorizada do contexto do terceiro mandato de Borges de Medeiros no estado, que foi de 25/01/1913 a 25/01/1918 – período que cinge a cisão entre Ramiro Barcellos e Borges de Medeiros e a publicação da obra em questão -, e as relações políticas entre o estado e a federação, com suas negociatas e seus tensionamentos. Acreditamos que esse período nos fornece as melhores informações sobre a concepção da obra e os rumos que ela tomou sob a pena do autor.

A análise dos mecanismos internos que na obra, via sátira, principalmente através do recurso da zoomorfização do anti-herói<sup>3</sup>, resgam uma figura de gaúcho, ao passo em que erigem o seu avesso, dar-se-á com o auxílio de bibliografia especializada que vem sendo produzida sobre a obra em questão.

No entanto, acolhendo sugestões do professor Cesar Guazzelli e consultando um artigo seu que se debruça sobre a literatura gauchesca, vimos ali a possibilidade de empreender uma análise que possa servir de contributo, mesmo que tímido, para o avanço dos estudos de nossas letras e sua relação com a história, nacional e regional. O artigo em questão realiza uma análise percuciente do humor na literatura regionalista gauchesca<sup>4</sup>,

---

<sup>3</sup> GUIMARÃES, Denise Azevedo Duarte. *A zoomorfização em Antônio Chimango*. Letras, Curitiba, (23): 93-104, jun., 1975.

<sup>4</sup> GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *O Duplo Espelho: o Humor na Literatura do Rio Grande do Sul*. Anos 90 (UFRGS. Impresso), Porto Alegre, v. 15, 2003. P. 45-70. Para outras análises do mesmo autor, acerca de aspectos da literatura gauchesca que contemplamos neste estudo, ver: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Matrero, guerreiro, peão campeiro: aspectos da construção literária do gaúcho. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras Culturais (Brasil, Uruguai, Argentina)*. São Paulo: Ateliê, 2002. P. 108-136; GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *Fronteiras americanas na primeira metade do século XIX: o triunfo das representações nos Estados Unidos da América*. Anos 90, Porto Alegre, n. 18, p. 124-144, dez. 2003; GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Fatos que realmente aconteceram? Considerações sobre História e Literatura. In: SILVEIRA, Helder G.; ABREU, Luciano A.; MANSAN, Jaime V. (Org.). *História e ideologia: perspectivas e debates*. Passo Fundo: UPF Editora, 2009. P. 369-384; GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *Servindo à Pátria: Blau, o guasca, da Cisplatina à Guerra do Paraguai. A literatura e a invenção do guerreiro fronteiriço*. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RS, 12. Rio Grande (RS). Anais... Rio Grande (RS): ANPUH, 2012. P. 160-167;

constatando nela uma divisão temática muito útil. De um lado, há uma vasta literatura que explora o tema dos “povoeiros na campanha”, ou seja, dos personagens urbanos inseridos no meio rural sul-rio-grandense, e, de outro, aquela que explora o tema dos “paisanos na civilização”, ou seja, dos personagens campeiros inseridos no meio urbano, tensionando ao máximo o humor implícito nesse desajustamento identitário do homem com o espaço que o cerca. O povoeiro, no poemeto, é Borges de Medeiros, que está representado pela personagem de *Antônio Chimango*, chefe da Estância de São Pedro, que, na obra, representa o estado do Rio Grande do Sul. No entanto, no caso desta sátira, o passado campeiro de Borges de Medeiros, advindo do simples fato de ele ter nascido em uma Caçapava do Sul rural, é usado como hipérbole para ressaltar sua total ingerência na vida de um estado alegorizado na figura de uma estância, que, à época, já não representava a realidade de um estado em plena industrialização. Ou seja, temos, nesse caso, a recriação, na narrativa do poema, de um Borges de Medeiros – figura pública urbana – campeiro, inserido em um Rio Grande do sul alegorizado como estância, com todas as lides que lhe são típicas, reforçando, na narrativa, a ingerência do satirizado com os trabalhos e as lides próprias à imagem de gaúcho que a sátira sobrevaloriza.

Outra pesquisa que inspira e anima esse projeto é a da professora Carla Renata Gomes<sup>5</sup>, que analisou a variação de sentido do vocábulo “gaúcho”, através de narrativas literárias e jornalísticas, embasada pelos estudos pioneiros de Augusto Meyer e em diálogo com autores da antropologia, principalmente Ruben George Oliven. No caso de nossa pesquisa, buscar-se-á estreitar um diálogo com os resultados da pesquisa da mencionada autora, na tentativa de inserir *Antônio Chimango* no rol de obras que oferece farta informação acerca da ressemantização encomiástica do gentílico gaúcho. Ou seja, vê-se, na sátira política abordada, a perpetuação de uma identidade regional nos moldes encomiásticos que, segundo Augusto Meyer, só passou a existir ao final do século XIX. Nossa pesquisa, contudo, não se dará em um viés literário comparativo, pois isto cobraria o alargamento de uma bibliografia já vasta para os moldes de um TCC, justificando-se aí o diálogo com os resultados, isto sim, de pesquisas e estudos dos professores Cesar Guazzelli e Carla Renata Antunes, que já lançaram mão de análises exaustivas da literatura gaúcha dos séculos XIX e XX.

---

e GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *Rio da Prata, século XIX: fronteiras espaciais, textuais e ficcionais*. Diálogos. Maringá (PR), v. 18, n. 1, p. 173-206, jan./abr./2014.

<sup>5</sup> GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. *De Rio-Grandense a Gaúcho: o triunfo do avesso – um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1877)*. Porto Alegre: Editoras Associadas/ Secretaria Municipal de Cultura – Prefeitura de Porto Alegre, 2009.

O interesse pela pesquisa é motivado pela crença de que a literatura tem o potencial de performar identidades e reproduzir estereótipos identitários, verificando-se aí a relevância do trabalho a ser defendido. Ademais, move-nos o interesse de perscrutar até que ponto e como os liames entre narrativas literárias e práticas sociais produzem efeitos concretos no modo como os discursos daquelas são apreendidos e instrumentalizados por essas. Mais especificamente, debruçar-nos-emos em uma análise com algumas camadas: a partir da obra, fonte da pesquisa, constatar e interpretar a representação do gaúcho nela empreendida; perseguir, a partir daí, como essa representação relaciona-se, e qual a natureza mesma dessa representação, com os sentidos de gaúcho elaborados ao longo dos séculos de relação fronteiriça entre o Rio Grande do Sul e o Prata. Neste ponto da pesquisa, far-se-á necessária uma revisão e um diálogo vivo com a obra de estudiosos que se dedicaram ao estudo filológico do termo e também à formação do tipo social do gaúcho.

A validade do trabalho reside não só em sua originalidade no campo de pesquisa histórica, mas na maneira como pretende aprimorar o conhecimento acerca da literatura gauchesca e analisar a relação entre a produção de discursos por intelectuais letrados e a produção de práticas que nascem deste encontro, configurando e reconfigurando, assim, identidades. Esta justificativa está embasada em nossos pressupostos teóricos, que serão discutidos a seguir.

À guisa de síntese, arrolamos, abaixo, os principais problemas que animam a pesquisa, na forma de perguntas a que buscaremos responder na feitura do trabalho de pesquisa:

1: definir a natureza da fonte literária para a pesquisa histórica e sua viabilidade e relevância para a compreensão de determinado imaginário sobre dado período da vida política sul-rio-grandense, respeitando a distinção e a especificidade epistemológicas destes dois campos de conhecimento (Qual a função e a importância da fonte literária para o estudo histórico? O que o estudo da República Velha gaúcha, em geral, e do governo de Borges de Medeiros, em específico, nos diz sobre o modo como o autor de *Antônio Chimango* representa-os em sua obra?);

2: descrever e analisar a natureza das representações acerca da identidade do gaúcho empreendidas no poema (Que tipo de gaúcho é elogiado no poema? Quais seus atributos? Quais as características do avesso de gaúcho que é criado no poema?);

3: analisar o contexto em que a obra foi gerada, assim como os eventos políticos e biográficos que motivaram o autor a escrevê-la (Qual o teor da crítica que o autor desfez

às políticas do PRR (Partido Republicano Rio-Grandense) e a Borges de Medeiros? Quais as motivações para a escrita da obra via sátira política? Quais as referencialidades históricas implícitas na obra, que podem ser asseguradas pela bibliografia?).

### **Objetivos da pesquisa**

- 1: Definir e analisar as características atribuídas às figuras de gaúcho e anti-gaúcho que são criadas no poema;
- 2: Investigar e analisar as possíveis motivações e intenções do autor ao criar essas imagens e qualificá-las de formas distintas;
- 3: Contribuir para os estudos que atentam para a identidade ficcional do gaúcho elaborada pela literatura gaúcha e brasileira;
- 4: Contribuir para os estudos que realizam a interface entre literatura e história, buscando empreender pesquisas interdisciplinares que contribuam para estas duas disciplinas.

### **Objetivos secundários: ou dos anseios de um jovem historiador, neófito no reino das letras**

1º: Promover a divulgação da obra *Antônio Chimango*, ansiando que estudiosos, tanto das Letras como da História, alcem-na ao estatuto de obra clássica brasileira, por tudo o que de particular e relevante ela expressa quanto a momentos da vida política e social gaúcha, mas atinente ao Brasil, e o que de contraideológica ela porta, conforme a noção de resistência de Alfredo Bosi;

2º: Contribuir para os estudos que analisam a representação do gaúcho na literatura brasileira, tanto aqueles que almejam frutos restritos aos estudos literários, como aqueles que, como o de Carla Renata Antunes, buscam relacionar discurso literário e práticas sociais e

3º: Decorrente do desejo anterior, um último, relegado aos pósteros: que *Antônio Chimango* seja anexado aos resultados das pesquisas que mencionamos e que este estudo possa erigir-se em um edifício mais robusto.

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, expomos os conceitos de representação e identidade cultural, que embasam a pesquisa. Explicitamos, ainda,

nossas concepções acerca da análise literária e apresentamos, em caráter provisório, algumas hipóteses que serão testadas ao longo da obra.

No segundo capítulo, analisamos a sátira política contida na fonte de pesquisa – o poemeto campestre *Antônio Chimango*. Partimos, então, para o estudo da atuação do autor na imprensa rio-grandense, a criação de seu pseudônimo Amaro Juvenal, que será usado na escrita do poema em questão, e a relação da obra com a literatura gauchesca, assim como a visão de alguns estudiosos a seu respeito.

No terceiro capítulo, buscamos na análise contextual da República Velha gaúcha a possibilidade de explicar de forma mais complexa as significações do poemeto.

Nas considerações finais, lançamos algumas questões que podem ser desdobradas em outras pesquisas.

## Capítulo 1. Entre fronteiras, ou como usar a literatura para fazer história: representação e identidade regional

O Referencial Teórico mais amplo é o que vincula esta pesquisa à chamada História Cultural. Trata-se, neste caso, evidentemente, de uma abordagem mais recente, que vem sendo tratada como a da interface entre literatura e história. Neste sentido, a historiadora Sandra Pesavento servirá de base para evitarmos os deslizes mais corriqueiros neste tipo de empreitada. Concordamos com a autora, quando ela afirma que História e Literatura: “Ambas são formas de explicar o presente, inventar o passado, imaginar o futuro. Valem-se de estratégias retóricas, estetizando em narrativa os fatos dos quais se propõem falar”<sup>6</sup>.

O principal erro que a mencionada autora nos adverte de não cometer é o seguinte:

[...] O historiador que se vale da Literatura deve levar em conta que, se a preocupação da pesquisa é a determinação de um fato ou de um personagem do real passado, ou se pretende conferir se algo terá ocorrido de fato, não é a esse tipo de fonte que deve recorrer<sup>7</sup>.

Alertados a analisar o tempo da escrita em vez do tempo da narrativa, acreditamos que a análise da obra, nos moldes atuais, cobrará a mediação de ao menos dois conceitos: o de Representação e o de Identidade cultural. O primeiro, para referir-se ao ato retórico e performático inerente à escrita, e que, no caso de *Antônio Chimango*, ressaltadamente, leva o autor a hiperbolizar as qualidades de um gaúcho heroico que se resgata e as de um anti-gaúcho.

Este conceito auxilia-nos, também, a estudar o singular – sem sobrepô-lo ao universal –, a sensibilidade e o imaginário de um autor, inserido em um contexto, veiculando discursos que se relacionam com outros, contemporâneos ou não aos seus. Neste sentido que o diálogo com as pesquisas de Cesar Guazzelli e Carla Renata Antunes se faz necessário para que algum elemento de comparação possa firmar a pesquisa no solo da temporalidade, e daí derivarem-se elos de rupturas ou continuidades discursivas (literárias e políticas).

---

<sup>6</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. P. 81.

<sup>7</sup> *Ibidem*. P. 82.

O conceito de identidade cultural refere-se ao grau maior ou menor de pervasão destes discursos no tecido social e na conformação de outros discursos e práticas sociais.

Buscaremos, então, vincular os resultados de nossa pesquisa aos das pesquisas citadas anteriormente, buscando inferir em que medida *Antônio Chimango* resgata um estereótipo de gaúcho ultrapassado e abandonado pela narrativa literária de sua época (ruptura, descontinuidade) ou fixa-se comodamente no tecido discursivo dessa época (continuidade).

A Fonte será interrogada a partir de questões sugeridas pela Bibliografia que a analisa. A partir desta, buscar-se-á responder aos objetivos da pesquisa. O modo de interrogar a fonte observará os pressupostos teóricos adotados (tanto os do ponto de vista da Teoria Literária quanto os advindos da História). Simultaneamente, buscará estabelecer um diálogo com os resultados das pesquisas dos dois autores já citados, buscando vincular a construção dos argumentos de nossa pesquisa aos resultados e conclusões daquelas.

Tendo como abrigo acolhedor o terreno da História Cultural, movemo-nos, também, na direção de alguns pressupostos e programas de pesquisa oferecidos por autores da História dos Conceitos e da Nova História Cultural. Colhemos aí algumas indicações gerais – direcionadas, em seus contextos originais, a outros objetos de análise –, que guiarão nossa pesquisa, principalmente aquela que se debruçará sobre a fonte.

Koselleck situa sua problemática, que poderá servir de guia para a nossa busca pelos sentidos que o vocábulo “gaúcho” assumiu e como ele foi apropriado e refigurado na narrativa de *Antônio Chimango*:

A história dos conceitos coloca-se como problemática indagar a partir de quando determinados conceitos são resultado de um processo de teorização. Essa problemática é possível de ser empiricamente tratada, objetivando essa constatação, por meio do trabalho com as fontes<sup>8</sup>.

Essa postura, no entanto, obrigar-nos-ia a observar até que ponto a palavra “gaúcho” configura-se como conceito. Postulação a ser ponderada no decorrer da pesquisa, maturadas as leituras e suas sugestões.

A seguir, o autor parte para a defesa de sua tese forte, a qual subscrevemos:

---

<sup>8</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos*. Estudos Históricos, 5 (10), Rio de Janeiro, 1992. P. 136.

Defendo a hipótese de que todo conceito é sempre concomitantemente Fato (Faktor) e Indicador (Indikator). Todo conceito é não apenas efetivo enquanto fenômeno linguístico; ele é também imediatamente indicativo de algo que se situa para além da língua<sup>9</sup>.

O cruzamento dos discursos literário/textual presentes tanto na obra analisada como nos resultados dos estudos filológicos e históricos acerca da identidade social do gaúcho deve ser cuidadoso, para que os nexos de mediação entre discursos e práticas não deslizem em imputação de causas ou determinações inverificáveis. Alerta-nos o autor:

A separação analítica entre cada afirmação linguística presente em todas as fontes textuais e a história concreta, o que deveria ser ou supostamente é, deve ser obrigatoriamente realizada de forma rigorosa do ponto de vista teórico. Só então posso perguntar às fontes textuais o que elas indiciam em relação à história concreta e que qualidades possuiriam para coproduzirem história enquanto textos<sup>10</sup>.

A realização desse cruzamento, atentando, a um só tempo, para a constituição diacrônica de sentidos do vocábulo “gaúcho” e para a sua reatualização sincrônica na obra analisada, deixará claro que esse vocábulo, a despeito de manter-se quase o mesmo no nível do significante, comporta sentidos cambiantes e reatualizáveis nos níveis semântico e pragmático:

É apenas por meio da perspectiva diacrônica que se pode avaliar a duração e o impacto de um conceito social ou político, assim como das suas respectivas estruturas. As palavras que permaneceram as mesmas não são, por si só, um indício suficiente da permanência do mesmo conteúdo ou significado por elas designado<sup>11</sup>.

Os resultados desse cruzamento de análises servirão para verificarmos em que medida o sentido de gaúcho construído no poema corresponde e afilia-se a um sentido construído anteriormente ou contemporâneo ao seu (continuidade), ou age como fator, como proposto por Koselleck, realizando uma disjunção na materialidade epocal de um discurso socialmente construído e adotado (descontinuidade). Pelo avanço da leitura, inclinamo-nos à visão de que *Antônio Chimango* opera nestes dois módulos, pois indica conteúdos que ultrapassam o texto, no momento em que resgata e dá continuidade à concepção positivo-encomiástica de gaúcho, já verificada na literatura anterior e também

---

<sup>9</sup> *Ibidem*. P. 136-137.

<sup>10</sup> *Ibidem*. P. 145.

<sup>11</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC/RJ, 2006. P. 105.

nos estudos filológico-históricos; e também por engendrar uma visão de gaúcho que destoa da sua condição concreta à época em que o poema foi composto, pois que o Rio Grande do Sul de então já era o avesso do que o autor pinta em sua obra.

Neste último sentido, a obra age como fator, buscando performar uma identidade via resgate de sentidos e caracteres pretéritos que a constituíam.

Não é sem razão que Carlos Alexandre Baumgarten, ao dissecar os elementos que configuram a obra como ideologicamente conservadora, atribua-lhe tinturas saudosistas, ao constatar que nela se verificam: a exploração do mito do gaúcho, de acordo com o estabelecido pelo regionalismo literário sulino; a utilização da sátira que visa não ao ataque às instituições, que aparecem como boas, mas unicamente à pessoa de Borges de Medeiros; a supervalorização do passado (velho) em detrimento do presente (novo) e a primazia que confere ao rural (estância) sobre o urbano, mascarando o presente sul-riograndense (século XX), que já é o espelho do processo crescente de urbanização do estado<sup>12</sup>.

Como exporemos a seguir, esta imputação de conservadorismo, em literatura, interessa-nos muito, pois que pode expressar, em verdade, os estertores de uma voz que destoa do seu tempo, desvendando-lhe as vísceras e os vícios, como ocorre claramente no caso, por exemplo, de Gregório de Matos em nossas letras.

Já a Nova História Cultural oferece-nos compreensões muito pertinentes quanto ao trato com a materialidade da produção, circulação e consumo dos textos e com os mecanismos que regem e condicionam a prática da leitura. Atentamos para a afirmação de Chartier:

A observação pode levar a uma outra revisão. Contra a representação, elaborada pela própria literatura, segundo a qual o texto existe em si mesmo, independente de qualquer materialidade, deve-se lembrar que não há texto fora do suporte que o dá a ler (ou a ouvir) e que não há compreensão de um escrito, seja qual for, que não dependa das formas nas quais ele chega ao seu leitor<sup>13</sup>.

Essa consideração ampara-nos quando verificamos que nossa pesquisa depara-se com questões que tangem a materialidade do texto. Sabe-se que as primeiras edições de *Antônio Chimango* circularam em impressões econômicas, clandestinas, para fins de consumo popular e quase panfletário. Isso certamente moldou uma primeira apropriação

<sup>12</sup> BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Ficção e história em Antônio Chimango*. Letras de hoje. Porto Alegre, v. 27, nº 1, março, 1992. P. 92.

<sup>13</sup> CHARTIER, R. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. P. 71.

do texto via leitura ou audição. Apenas com as edições seguintes somou-se ao poema uma carga de estudos e de aprimoramentos que pode deslindar alguns sentidos mais diversos e valorizar as qualidades literárias do texto<sup>14</sup>. Nossa cautela é condizente com a afirmação de Chartier:

Os autores não escrevem livros: não, eles escrevem textos que outros transformam em objetos impressos. A distância, que é justamente o espaço no qual se constrói o sentido – ou os sentidos –, foi esquecida com demasiada frequência, não somente pela história literária clássica, que pensa a obra em si mesma como um texto abstrato, cujas formas tipográficas não importam, mas também pela Rezenptionsästhetik que postula, apesar de seu desejo de historicizar a experiência que os leitores têm das obras, uma relação pura e imediata entre os “sinais” emitidos pelo texto – que jogam com as convenções literárias aceitas – e o “horizonte de expectativa” do público ao qual são endereçadas. Em tal perspectiva, o “efeito produzido” não depende absolutamente das formas materiais que sustentam o texto. No entanto, elas também contribuem plenamente para modelar as antecipações do leitor face ao texto e para atrair novos públicos e usos inéditos<sup>15</sup>.

Esta consideração às questões relativas à recepção da leitura não poderá, contudo, ser desdobrada em um estudo aprofundado da recepção de *Antônio Chimango*, pois conhecemos, até então, uma única obra<sup>16</sup> que tenha se dedicado a este tema, mas com um recorte amostral e temporal muito reduzido para tornar-se significativo para um estudo diacrônico da recepção e das múltiplas apropriações da obra. Os resultados da pesquisa realizada na obra citada acima podem, contudo, somados a dois outros indícios – poucos, sabemos –, possibilitar alguma sondagem quanto à recepção da obra e sua vinculação com a construção identitária e com práticas sociais e discursivas. Pechamo-nos com afirmações, como uma – provavelmente escrita pelo editor –, contida na orelha de uma edição de *Antônio Chimango*, de que o poemeto seria uma espécie de bíblia de cabeceira dos tradicionalistas; e como outra, do abalizado juízo de Carlos Reverbél, que a considera obra que goza de vasto conhecimento popular, ambas encontradas na 21ª edição de *Antônio Chimango*, anteriormente citada.

Uma última influência teórica, esta advinda das *plagas* da crítica literária, vincula nossa compreensão do texto literário à visão dialética. Uma primeira referência, cláusula

---

<sup>14</sup> MEYER, Augusto. “Introdução”. In: JUVENAL, Amaro. *Antônio Chimango: poemeto campestre*. 3ª edição refundida. Porto Alegre: Editora Globo, 1961. P. 3-50; REVERBEL, Carlos. “Prefácio”. In: JUVENAL, Amaro. *Antônio chimango: poemeto campestre (sátira política)*. 21ª edição. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 1978. P. 7-10; TILL, Rodrigues. “Posfácio”. *Ibidem*. P. 74-77.

<sup>15</sup> CHARTIER, R. *Id. Ibid.*

<sup>16</sup> MARTINS, Maria Helena. *A agonia do heroísmo: contexto e trajetória de Antônio Chimango*. Porto Alegre: Ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; L&PM, 1980. Ver capítulo IV, p. 133-159; e Apêndice, p. 161-166.

pétreo de nossa incursão na pesquisa, vem nas palavras intocáveis de Antonio Candido sobre a compreensão da obra literária:

Só a podemos entender (*a obra literária*) fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno<sup>17</sup>.

Outro autor, também um renomado uspiano, crítico literário, guia-nos na compreensão dialética do texto. Assim ele define o trabalho do intérprete - que também será o nosso, em parte -, em um texto em que a finalidade instrutiva não lhe retira o valor e o deleite estético: “O intérprete é, por excelência, um mediador. Ele trabalha rente ao texto, mas com os olhos postos em um processo formativo relativamente distante da letra”<sup>18</sup>.

Atentos tanto aos condicionamentos que constroem e cerceiam o texto, quanto à gênese e à liberdade psíquicas do ato criativo, buscamos no contexto o tom e a perspectiva dos textos que surgem na relação dialética entre homem e mundo.

Daí nosso compromisso e princípio ético-estético em não reduzir a literatura à acumulação e descrição de palavras-coisas:

Daí vem uma das poucas regras áureas que é razoável ditar à interpretação literária: nenhum elemento linguístico traz, em si mesmo, um poder de inteligibilidade para a compreensão de um texto<sup>19</sup>.

E, além disso, nosso cuidado em lançar...

Depois, um olhar intenso, um olhar demorado, que procure discernir, dentro e no meio das frases e das palavras, a luta expressiva, isto é, aqueles momentos diversos, mas coexistentes, de motivação pessoal e convenção suprapessoal (ideológica, literária) que fundam o texto como polissenso<sup>20</sup>.

---

<sup>17</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Nacional, 1980. P. 9. As considerações entre parênteses, em itálico, no corpo das citações, são do autor, salvo indicação em contrário.

<sup>18</sup> BOSI, Alfredo. “A interpretação da obra literária”. In: *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Ática, 1988. P. 277.

<sup>19</sup> *Ibidem*. P. 282.

<sup>20</sup> *Ibidem*. P. 286.

Motivados pelo programa de pesquisa que animou Alfredo Bosi, intentaremos, se for possível dentro dos limites deste trabalho, verificar até em que ponto *Antônio Chimango* representa um caso de literatura resistente, contraideológica, em relação ao contexto em que surgiu e a um *corpus* literário mais vasto. Foi lendo Otto Maria Carpeaux que Bosi concebeu este programa, embasado em:

Um renovado conceito de tensão entre os pólos do determinismo e da liberdade criadora, um difícil equilíbrio entre as categorias sócio-históricas e a individuação autoral, um renovado e difícil equilíbrio entre as ideologias dominantes e as contra-ideologias articuladas ao longo da criação artística<sup>21</sup>.

Ao arrolar algumas das obras de nossa literatura que poderiam ser analisadas à luz desta noção de resistência ou contraideologia, quase costumamos a crer que o intelectual tenha se olvidado de mencionar *Antônio Chimango*, visto que ele demonstra, neste artigo, conhecimento razoável de nossas discussões. Afirma ele, quanto a esta literatura contraideológica e sua concepção:

Quase sempre a fonte dessa consciência crítica vem da memória de tempos passados tidos por melhores, a Idade de Ouro. [...] Às vezes, não é a memória de um paraíso terreno mítico, mas a utopia do Reino, da sociedade igualitária ou do comunismo universal que leva o escritor a afrontar os seus contemporâneos e, com os olhos postos no dia que há de vir, desmascarar as trampas da ideologia corrente<sup>22</sup>.

Isso lembra-nos os ecos das teses sobre o conceito de história, de Walter Benjamin. Princiamente a de número 7, que também nos motiva na análise:

Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais. O materialista histórico os contempla com distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, como à corvéia anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um monumento da cultura que também não fosse um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo<sup>23</sup>.

<sup>21</sup> BOSI, Alfredo. *Caminhos entre a literatura e a história*. Estud. av., São Paulo, v. 19, n. 55, Dez. 2005. P. 325.

<sup>22</sup> Ibidem. P. 326.

<sup>23</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1987. P. 225.

Benjamin soube como ninguém realizar essa inspeção intelectual, como o demonstra sua obra sobre Baudelaire<sup>24</sup>.

Ademais, tentaremos também vasculhar em *Antônio Chimango* os despojos de uma crítica aguda que porventura destoe de seu tempo. Bosi, ao criticar o sociologismo determinista, influenciado pelo marxismo ortodoxo, não manifesta surpresa ao constatar a frieza indiferente com que certos autores são ignorados e despojados dos grandes manuais de nossa literatura. Uma visão que se baseie na compreensão de que o pensamento de cada época provém da classe dominante ignora a dialética que rege o contato do homem com o mundo e a literatura que procure denunciar as mazelas com uma voz nem sempre tão afinada ou uníssona.

Por fim, consignamos que cremos que esta pesquisa se justifica pelos objetivos que almeja e pelas referências que utiliza. Não obstante, buscamos empreender análises comparativas e vinculá-las a outras pesquisas já realizadas, na expectativa de que, assim, possamos avançar nesta linha de estudos tão bem acolhida nesta universidade e, quem sabe, desdobrar a atual pesquisa em um estudo mais aprofundado e erudito.

---

<sup>24</sup> Idem. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

## Capítulo 2. De rio-grandense a gaúcho: o triunfo do gaúcho-herói sobre o monarca das coxilhas e os mandões

Nossa análise inicia pela apresentação da obra literária em questão, fonte desta pesquisa. Apresentá-la de imediato, convidando o leitor a adentrar no texto, sem rebuscos e sem prévias explicações, condiz com os pressupostos teóricos deste trabalho. Buscamos, assim, inverter a lógica interpretativa que percorre um circuito que poderia ser apresentado assim: autor-contexto-texto ou contexto-autor-texto, em alguns casos. Partindo de breves pinceladas biográficas, situar-se-ia o autor, que mais se pareceria, neste caso, a um objeto passivo; a seguir, situar-se-lo-ia em uma paisagem mais ou menos imóvel, destituída de plasticidade, que lhe daria as coordenadas limitadas pelas quais ele poderia transitar, e, por fim, analisar-se-ia a obra como uma espécie de produto final desta equação opressiva.

Adotamos outro trajeto, contudo. Propomos um circuito mais ou menos assim: texto-autor-contexto, em que buscamos explorar a relação dialógica destas instâncias, conservando a perplexidade ante as contradições inevitáveis que surgem em tal análise. O texto a ser analisado, assim como seus significados e apropriações, porta os conteúdos e propicia significações históricas mais duráveis do que os eventos que o geraram.

“Que experiência calada no sujeito terá suscitado esta e não aquela imagem metafórica”<sup>25</sup>. É com esta questão que retroagimos no tempo buscando respondê-la, em três seções.

Na primeira, denominada “um longo trajeto”, analisamos o surgimento, na literatura gauchesca, de duas vertentes literárias bastante distintas, embora tenham se delineado a partir de uma mesma fonte – o cancionero popular e anônimo gauchesco. Estas vertentes seriam as dos textos Arcaico e Monárquico. Buscando vincular o *Antônio Chimango* à tradição de texto Arcaico, viabiliza-se a defesa da ideia de que ele teria, de certa forma, se esquivado do Monarquismo nas letras, processo que se verifica na construção linguística e imagética do poema.

Na segunda seção, denominada “a sátira mordaz”, analisamos o trajeto de Ramiro Barcellos na imprensa, até a criação de seu pseudônimo predileto, o Amaro Juvenal. Recuando em sua atuação na imprensa, percebe-se sua predileção pela sátira mordaz e a adoção de recursos retóricos demolidores, que irão reaparecer em sua obra maior. É nessa

---

<sup>25</sup> BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. 8ª edição revista e ampliada. São Paulo: Companhia das letras, 2010. P. 14.

seção que faremos a análise mais detalhada do poema, em que esmiuçaremos os recursos estilísticos de que ele dispõe, assim como faremos um breve apanhado da historiografia literária que avaliou a obra a partir das mais diferentes perspectivas.

Na última seção deste capítulo, intitulada “O lugar de *Antônio Chimango* em nossa literatura: a visão de literatos”, avaliamos a fortuna crítica e valorativa a respeito da obra, a fim de ponderar o grau de aceitabilidade e pervasão que ela logrou conquistar. Ademais, pretendemos, com isto, verificar a dimensão e o espectro de ataque da sátira; se esse ataque se restringiria ao presidente do estado de então, Borges de Medeiros, ou a um modo particular de governar. Desta forma, talvez respondamos se o autor de fato atinge todos os mandões com a zarabatana embebida no fel de sua sátira.

Por fim, talvez surja, deste amontoado vertiginoso de intenções, a resposta ao levantamento de Alfredo Bosi reproduzido acima. Por que teria Amaro Juvenal construído um cenário tão particular de embate entre os dois tipos de gaúcho que figuram em seu poemeto? A resposta, neste capítulo, reduzir-se-á à análise literária. No capítulo seguinte, ofereceremos os componentes conjunturais que possibilitem uma explicação multicausal para este fenômeno. Afinal, o sentido de um texto não se limita à intenção primordial de seu autor – e este que aqui se escreve não escapa a esta regra -, e pode mesmo até ser traído por excesso de ingenuidade ou pretensão. O avançar da fortuna crítica sobre *Antônio Chimango*, principalmente a análise percuciente de Raymundo Faoro a seu respeito, parece dimensionar melhor o alcance de uma sátira que, por muito tempo, se julgou subversiva e iconoclasta, de abrangência quase universal.

## 2.1. Um longo trajeto

Por demasiado tempo considerou-se que em nossa província não havia surgido matéria de cunho épico. Esta concepção de épico relembra a longa tradição instaurada pelo surgimento das epopeias da *Ilíada* e da *Odisseia*, de Homero, obras motivadas por temas guerreiros. Contudo, se buscarmos vasculhar em nossa tradição oral os seus primeiros vagidos, veremos nela pulsarem poemas que se aparentam, se não em conteúdo ao menos em intenção, aos épicos de antanho. Donald Schüller<sup>26</sup> remonta este fenômeno às coletâneas de poesia popular organizadas por Simões Lopes Neto, em seu *Cancioneiro Guasca*, e por Augusto Meyer, em seu *Cancioneiro Gaúcho*. Estes dois autores, ao

---

<sup>26</sup> SCHÜLER, Donald. *A poesia no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

coligirem quadras populares de expressão poética aguda, souberam reconhecer seu conteúdo épico, mesmo quando retratam tempos de paz.

Nestas quadras singelas, Schüler constata o manejo de uma linguagem que teria assentado fortes raízes em nossa tradição literária. A isso ele chamou de texto Arcaico: “Por seu caráter originário, designamos o tecido narrativo que se esboça aqui de texto arcaico e esperamos acompanhar-lhe o vigor até as manifestações mais recentes da literatura nestas bandas”<sup>27</sup>.

Porém, esta tradição de cancionero em nosso estado teria gerado outra vertente: aquilo a que o autor chamou de texto Monárquico: “O texto monárquico exalta os homens que forjaram esta unidade da república. Destaca-lhes a elevação de caráter, o desejo de liberdade, a virilidade, a belicosidade. Quem tem estas virtudes é gaúcho e monarca das coxilhas”<sup>28</sup>. Esta tradição Monárquica em nossa literatura teria uma origem, tendo sido alimentada pela Guerra dos Farrapos. As inúmeras obras que louvam o tipo Farrapo teriam investido este sujeito de brios medievais. Em verdade, o tipo Farrapo nada mais é do que o gaúcho incorporado a batalhões, lutando por causas que lhe são estranhas. O avançar do alambrado e do cercamento dos campos, reduzindo o gaúcho primitivo a mero peão, catalisou o seu processo de mitificação.

O texto Arcaico, no entanto:

Abriga o cotidiano, os pequenos conflitos individuais e coletivos, a luta pela sobrevivência, a resistência à opressão. Anuncia-se modestamente no modo natural de dizer, sem enfeites, sem ênfase retórica. Como não tem pretensões de agradar o gosto da classe bem situada penetra nos lugares escusos, acolhe o vocabulário e a sintaxe coloquiais, nomeia os objetos sem recorrer à adjetivação pomposa. [...] Por estas virtudes, permanece próximo à vida e se oferece tanto à narrativa como à lírica<sup>29</sup>.

Estas duas vertentes podem ser constatadas pela análise dos mecanismos internos de um texto, e se estruturam a partir de elementos retóricos que saltam à vista até mesmo de um leitor incauto. Adiante, Schüler reconhece em *Chimango* a retomada da vertente arcaica, há muito esquecida em nossa literatura, que, pelo menos desde 1835, havia se perdido em loas infinitas ao heroísmo e à belicosidade dos Farrapos. Cremos possível, contudo, filiar o poemeto campestre a essas duas vertentes, na medida em que ele tem

---

<sup>27</sup> Ibidem. P. 25.

<sup>28</sup> Ibidem. P. 46.

<sup>29</sup> Ibidem. P. 50.

qualidades arcaicas permeadas em sua elaboração, mas também flerta com o monarquismo farrapo, ao qual o autor dedicou até mesmo um estudo historiográfico<sup>30</sup>.

## 2.2. A sátira mordaz<sup>31</sup>

Ramiro Fortes de Barcellos nasceu no dia 23/08/1851, no Irapuá, na estância da Ramada, localizada na atual Cachoeira do Sul, região central do estado. Órfão de pai, Ramiro é mandado a Porto Alegre, em 1865, para concluir os estudos. Já em 1867, está no Rio de Janeiro, capital federal, preparando-se para o curso de Medicina, em que se forma em 1873, com tese intitulada: “Das alianças consanguíneas e sua influência sobre o físico, o moral e o intelectual”. É no Rio, ainda, que escreve sua primeira sátira de que se tem notícia: “Vozes de calouro”, parodiando as “Vozes d’África”, de Castro Alves.

Em 1873, Ramiro retorna a sua terra natal, onde passa a clinicar. Em 1876, tem seu primeiro ingresso na vida política, ao ser convidado, pelo Partido Liberal, hegemônico à época, para concorrer a deputado pela Assembleia Provincial. A esta época, adverte o maior líder desse partido, Silveira Martins, de suas posições republicanas, e é aceito no grupo mesmo assim. Em 1877, elege-se deputado provincial e permanece no cargo por duas legislaturas, até 1881. Este período é o do cercamento dos campos. Aqui se encerra, política e economicamente, a existência do gaúcho errante.

Em 1881, diverge do líder liberal Silveira Martins e lança-se à candidatura de deputado geral, defendendo pautas do futuro Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), como a descentralização e a instrução.

Em 1884, já criado o PRR e lançada sua chapa a candidaturas, Ramiro escreve sua primeira crônica no jovem jornal *A Federação*. Chama-se “Carta a D. Isabel”. Aqui, assinando pela primeira vez com seu pseudônimo de Amaro Juvenal, tem-se o ataque à frivolidade da vida da corte. O autor deseja falsos votos de que a monarquia se prolongue em um terceiro reinado, no qual a princesa Isabel assumiria o trono, e passa a vituperar os “hereges, malvados, homens excomungados, que se comprazem em profetizar a queda

---

<sup>30</sup> Referimo-nos, aqui, à obra: BARCELLOS, Ramiro Fortes de. *A revolução de 1835 no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CODEC/AHRS/CORAG, 1987. Escrita e publicada em 1882, lançada pela Typografia do Jornal do Commercio, de Porto Alegre, é considerada a primeira obra de um gaúcho sobre o tema. Nela, segundo comentários de Luís Augusto Fischer, vê-se lampejos dialéticos na compreensão da temporalidade que o autor denota em sua análise.

<sup>31</sup> Nesta seção, as referências a datas da vida política de Ramiro Barcellos e a trechos de suas crônicas jornalísticas foram retiradas de: FISHCER, Luís Augusto. *Antônio Chimango: volume 2*. Caxias do Sul: Modelo de Nuvem, 2016. Ver a seção cronológica (p. 12-32), a seção “Crônicas” (p. 44-74) e o ensaio “Um espírito inquieto” (p. 195-223).

do Império ao terminar o reinado de Vosso Augusto pai”. Obviamente, Amaro Juvenal inclui-se no rol de hereges que ele brinca de criticar.

Neste mesmo ano, quando do aniversário da princesa D. Tereza Cristina, esposa de D. Pedro II, o liberal Karl von Koseritz publicou na Gazeta de Porto Alegre, a 14 de março, um texto elogioso à data. Amaro Juvenal voltou às páginas d’A Federação e lançou mão, pela primeira vez, de um recurso retórico que passaria a utilizar e que figura em sua *Oferta*, no poemeto. O recurso consiste em transcrever, *ipsis litteris*, o que o interlocutor disse ou escreveu, e parodiá-lo, usando como arma as suas próprias palavras.

Em 1887, viaja à França, onde conhece Pasteur, e à Inglaterra, onde entra em contato com Joseph Lister, principal discípulo de Pasteur na ilha. Dessa viagem, surge sua admiração pelos princípios bacteriológicos e sua indefectível defesa dos princípios científicos no debate público de ideias. Representativa deste período é sua crônica, assinada sob o título geral de “Um por semana” (que perdurou por mais de ano nas páginas d’A Federação), em que retrata um episódio urbano com bastante naturalidade. Neste texto, exhibe sua erudição médica e os conhecimentos das ideias de Pasteur<sup>32</sup>.

Em 1889, sai estampada em exemplares d’A Federação, de 1º a 09/07/1889, uma série de triolés, em que o autor satiriza certo major Prestes<sup>33</sup>. No final do regime monárquico, Pedro II, em 7 de junho de 1889, chamou o Visconde de Ouro Preto para organizar com o Partido Liberal um novo ministério, substituindo os conservadores até então no poder. Gaspar Silveira Martins foi escolhido para a presidência do estado do Rio Grande do Sul, indicando para seu vice o major da Guarda Nacional Antônio Ferreira Prestes Guimarães, que era líder liberal em Passo Fundo. Estando Gaspar Martins no Rio, o tal Major Prestes assumiu a presidência do estado, gerando protestos. Estes poemas revelam um lado de Ramiro Barcellos pouco explorado, contra os que veem em *Chimango* uma manifestação literária isolada, atípica, e contra os que nele veem o estopim de um fato premeditado. Nem um nem outro. A predileção do autor pela sátira, em última instância imperscrutável, foi maturada e direcionada a fins muito diversos:

---

<sup>32</sup> A crônica pode ser encontrada em JUVENAL, Amaro. *Antônio Chimango e outros textos*. Ensaio e notas de Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. P. 77-80. Ou em outra edição da obra, mais completa e recente: FISCHER, Luís Augusto. *Antônio Chimango: volume 2*. Caxias do Sul: Modelo de Nuvem, 2016. P. 47-50. Por último, consta no Anexo 1 deste trabalho a reprodução da página do exemplar d’A Federação de 1º de março de 1884, em que o texto apareceu estampado.

<sup>33</sup> A série de 11 triolés, assim contabilizados por Sérgio da Costa Franco (FRANCO, Sérgio da Costa. “Os triolés anônimos d’A Federação”. In: FISCHER, Luís Augusto. *Op. cit.* P. 37-42), saíram anonimamente nas páginas do jornal. Somente no necrológio, escrito quando da morte de Ramiro Barcellos, publicado no Correio do Povo de 30/01/1916, atribui-se a ele a autoria dos poemas. Para a leitura dos poemas, veja-se os Anexos 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9, em que vão reproduzidas as páginas d’A Federação em que figuram os poemas.

crítica à frivolidade da corte, ao contrabando, ao tráfico de escravos, ao dogmatismo positivista, às políticas econômicas<sup>34</sup> que regiam a vida federal e estadual e, por fim... a Hermes da Fonseca, visto como antípoda do gaúcho, a Borges de Medeiros, recluso e acovardado, a Pinheiro Machado, por sua perfídia, ao PRR, por seu monolitismo e pelo instinto gregário de seus membros, ao Rio Grande do Sul hodierno e aos mandões de plantão.

Em 09/02/1902, sai estampado no Correio do Povo, de Porto Alegre, um artigo do autor, intitulado “Micróbio e positivismo”<sup>35</sup>, em que ele mostra sua face liberal e esclarecida, defendendo com argumentos, embasado na ciência e em conhecimento empírico, a validade dos princípios da vacinação, que alguns correligionários positivistas negavam. Ao contrário das demais, esta peça de sátira sai sob o pseudônimo de Raphael de Mattos, “doutor em teologia e médico da Repartição de Higiene do Estado”. Mais uma vez, contudo, o velho recurso retórico de parodiar o interlocutor distorcendo-lhe as palavras aparece aqui, de forma fulminante.

Em 1915, ano tumultuado no Estado e em Porto Alegre, depois de Ramiro haver convocado um comício, em Porto Alegre, contra a candidatura de Hermes da Fonseca ao Senado, o jornal A Federação passa a encampar verdadeira perseguição contra ele, acusando-o, inclusive, de ser responsável pelos mortos no comício. Depois de lançar uma série de sete artigos no Correio do Povo, em que analisava sua derrota ao Senado, anuncia, no último deles, no qual queixa-se do tratamento a ele dispensado por Borges de Medeiros, presidente do Estado em seu quarto mandato:

Pois terá o troco, que merece, na altura de sua agressão.  
E vai lucrar muito com isso, porque terá a sua biografia política escrita por um contemporâneo desde o tempo da propaganda e que lhe ficou bem conhecendo o valor, desde a passagem de um certo telegrama a Júlio de Castilhos, logo após o golpe de Estado do sr. Lucena.  
Essa biografia, porém, será escrita por Amaro Juvenal, porque o assunto dá para tirar conclusões alegres de episódios tristes<sup>36</sup>.

Estava lançado o desafio, que assumia ares de verdadeira justa medieval, com direito até a holofotes da imprensa.

---

<sup>34</sup> Ver, a este respeito: AXT, Gunter. “Ramiro Barcellos e as questões econômicas de seu tempo”. In: FISCHER, Luís Augusto. *Op. cit.* P. 124-168.

<sup>35</sup> In: JUVENAL, Amaro. *Antônio Chimango e outros textos*. Ensaio e notas de Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. P. 88-92. E também em: FISCHER, Luís Augusto. *Antônio Chimango: volume 2*. Caxias do Sul: Modelo de Nuvem, 2016. P. 70-74.

<sup>36</sup> FISCHER, Luís Augusto. *Op. cit.* P. 186.

### 2.2.2. O poemeto campestre *Antônio Chimango* e sua sátira política

Escrito entre setembro e dezembro de 1915, no verso de atas de contabilização dos votos da eleição para a qual concorreu (Ver manuscritos do poema nos Anexos 10, 11, 12 e 13), o poema saiu publicado ainda em 1915, em uma edição clandestina (Ver capa da primeira edição da obra no Anexo 14), de baixa tiragem, em que consta na capa o desenho de um gaúcho pilchado, com rosto de chimango, assinado pelo próprio autor. A autoria do desenho, contudo, parece ser falsa, e deve ter sido retirado de um almanaque português (Ver anexo 15) que circulou no Brasil em 1915, constituindo-se em um decalque, em que o autor pouco modificou o desenho original, de uma artista alemã.

Desde então, a obra recebeu, ao todo, 25 edições, contando a última, lançada pela editora Modelo de Nuvem, em 2016. Pelo menos as doze primeiras edições podem ser consideradas clandestinas ou precárias, tendo, algumas vezes, sua data e atribuição de editora adulteradas, a fim de não levantar suspeitas por conta dos contextos em que circularam, nos quais as contendas com os republicanos, instalados no poder, ainda eram candentes. Algumas dessas edições eram seguidas de continuações assinadas por pseudônimos de outros escritores. Além disso, o poemeto foi musicado, circulando como Longplay<sup>37</sup>, recebeu montagem e musicalização operística<sup>38</sup> e fomentou debates televisivos e vídeos de youtubers<sup>39</sup> explicando sua significação histórica.

<sup>37</sup> Em 1982, Martín Coplas musicou a íntegra do poemeto, que saiu em formato LP. Há uma versão completa disponível para acesso em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5CNQPLhF7TE>>. Consultado em 09/06/2019.

<sup>38</sup> O poemeto recebeu uma adaptação para o formato de opereta em 2 atos, em 2014, com libreto composto por Alpheu Godinho e música composta por Artur Barbosa, que também é violinista da OSPA (Orquestra Sinfônica de Porto Alegre), além de contar com a participação do Coro Sinfônico da Ospa. O espetáculo teve três récitas, exibidas no Teatro São Pedro nos dias 17/10/2014, sexta-feira, às 20h, 18/10/2014, sábado, às 20h e 19/10/2014, domingo, às 18h. Há um vídeo, no Youtube, em que se pode assistir ao espetáculo: <<https://www.youtube.com/watch?v=p5O9aA3iFu0>>. Consultado em 09/06/2019.

<sup>39</sup> Há dois vídeos disponíveis de um episódio do programa “Direito & Literatura”, da TV Unisinos, apresentado por Lenio Streck, em que dois entrevistados discutem aspectos da obra em questão. São eles: Miguel Wedy, coordenador do curso de Direito da Unisinos (Link do Lattes: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4756217U2>>. Consultado em 09/06/2019) e Eliana Inge Pritsch, professora do curso de Letras da FAPA (Link do Lattes: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4760953P2>>. Consultado em 09/06/2019). Os links para os dois blocos do programa são os seguintes: <<https://www.youtube.com/watch?v=ACA1WXf8JV0>> <<https://www.youtube.com/watch?v=IhLJG8UkQ8I>> consultados em 09/06/2019.

Há, ainda, o vídeo de um canal dedicado à discussão de obras cuja leitura obrigatória é cobrada por vestibulares de algumas universidades. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kNWI-ReEZaY>>. Consultado em 09/06/2019.

Outro vídeo, disponibilizado pela TV Tradição, conta com a apresentação da obra e seu contexto de surgimento: <[https://www.youtube.com/watch?v=CHPE\\_cKrWEg](https://www.youtube.com/watch?v=CHPE_cKrWEg)>. Consultado em 09/06/2019.

A história de sua interpretação, ou a historiografia literária acerca do poemeto, se se quiser cometer tal presunção, não é menos rica. Em um primeiro momento de recepção, seu conteúdo político ainda incandescente propiciou apropriações panfletárias, continuações e arremedos grosseiros. Na imprensa, os primeiros artigos de estudiosos tratavam de constatar as referências históricas a que o poema alude, os fatos que motivaram a escrita da obra e seus significados político-biográficos.

As primeiras apreciações literárias parecem ter surgido somente com os estudos de Augusto Meyer<sup>40</sup>, que fixou o texto e o comentou.

Seguiram-se análises de conteúdo<sup>41</sup>, dos recursos de zoomorfização<sup>42</sup> que o poema utiliza, estudos de sua recepção<sup>43</sup> e sua relação com a poesia popular, esboços de análise sociológica mais refinada<sup>44</sup>, e também do recurso do bestiário e novamente do zoomorfismo do poema, comparados a temas do cânone ocidental da literatura<sup>45</sup>.

\*

O poemeto campestre *Antônio Chimango*, assim subtítulo pelo seu autor, foi escrito em 1278 versos. Esses versos estão agrupados em estrofes de seis versos cada, constituindo-se em um modelo estrófico denominado sextilha<sup>46</sup>. O esquema métrico é o da redondilha maior, verso em que há sete sílabas poéticas. No caso do *Chimango*, as rimas ocorrem segundo tal esquema: abbcbb, ficando evidente que o único verso que não

---

<sup>40</sup> MEYER, Augusto. “Estudo crítico”. In: JUVENAL, Amaro. *Antônio Chimango*. 3ª edição refundida. Porto Alegre: Globo, 1961. P. 3-50.

<sup>41</sup> ROSA, Terezinha do Carmo Marques da. *Antônio Chimango: Trapaça Salutar De Parceiros Enfrentados*. 178p. Dissertação de mestrado (literatura brasileira). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 1986.

<sup>42</sup> GUIMARÃES, Denise Azevedo Duarte. *A zoomorfização em Antônio Chimango*. Letras, Curitiba, (23): 93-104, jun. 1975.

<sup>43</sup> MARTINS, Maria Helena. *A agonia do heroísmo: contexto e trajetória de Antônio Chimango*. Porto Alegre: Ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; L&PM, 1980.

<sup>44</sup> FAORO, Raymundo. “Antônio Chimango, algoz de Blau Nunes”. In: TARGA, Luiz Roberto Pecoits (org.) *Breve inventário de temas do sul*. Porto Alegre: UFRGS: FEE; Lajeado: UNIVATES, 1998. P. 39-46. Ou em: Idem. In: FISCHER, Luís Augusto. *Antônio Chimango: volume 1*. Caxias do Sul: Modelo de Nuvem, 2016. P. 91-98. Publicado originalmente na revista Quixote número 5, de agosto de 1952.

<sup>45</sup> LE GRAND, Michel Thierry. “De doenças e lombrigas: escatologia e bestiário no Antônio Chimango”. In: *Op. cit.* P. 203-221.

<sup>46</sup> Neste trabalho, as citações das estrofes seguirão o texto fixado na 3ª edição crítica da obra, que adota a numeração arábica. Ademais, será usado como referência o número da sextilha/estrofe, em vez da página em que consta em determinada edição. Isso visa à facilitação da consulta para aqueles que não dispõem da edição utilizada aqui.

rima com outro é o primeiro de cada estrofe. Ao total, são 213 sextilhas, distribuídas em 5 rondas<sup>47</sup> ou cantos.

O pseudônimo utilizado pelo autor, já antigo em sua atividade de intenso articulista, foi anunciado para a autoria do poemeto em matéria do Correio do Povo de 14/08/1915, cujo trecho foi citado anteriormente. Explicações para a escolha deste pseudônimo existem aos borbotões, mas quase todas aludem aos mesmos fatos.

Michel Thierry Le Grand, em nota, comenta:

No seu afã de defender a democracia instituída pelos “históricos”, fundadores do Partido Republicano, de uma demagogia suspeitosa em que se pautasse o totalitarismo medeirista, e o progresso técnico de um cientificismo capaz de confinar com o mero absurdo, Ramiro Barcellos, portanto, evoca certa modalidade de filiação intelectual e política não só com Juvenal, de quem ele usou o nome como pseudônimo, como também com Aristófanes<sup>48</sup>.

Para Donaldo Schüler<sup>49</sup>, Amaro Juvenal teria raiz no latim *amarus*, significando amaro, amargo, e Juvenal viria de *juvenilis*, significando juvenil.

Outro estudioso da obra<sup>50</sup> remonta o nome ao poeta e satirista latino Decimus Junius Juvenalis, e tributa ao termo Amaro o mesmo sentido que o de Donaldo Schüler.

---

<sup>47</sup> Adiantamos, aqui, um dos significados de “ronda” na vida campeira do gaúcho. Ao longo do texto, comentaremos outras concepções do uso particular que Ramiro faz desta palavra em seu poema. Segundo Bernardo Taveira Júnior em *As Provincianas*: “No tempo em que, na campanha de nossa província, eram raras as mangueiras (grandes currais) para encerrar as tropas durante a noite, os seus condutores eram obrigados a rondá-las, à noite, no lugar que lhes parecia mais favorável.

Ora, não raras vezes, a horas mortas, sobrevinha alguma tormenta; o gado começava a agitar-se ao vento e à chuva, à fulguração dos relâmpagos e ao retumbar do trovão. Em tais condições, os campeiros, molhados até os ossos, apesar do poncho, passavam tranSES inauditos para poderem conter a tropa mugindo, redemoinhando e escarvando; mas nem sempre o conseguiam. Quando menos se esperava, o gado num veloz e tremendo arranco, disparava em grupos e em direções diferentes. Quando amanhecia, nem sinais de tropa. Daí o insano trabalho de repetidos rodeios nas estâncias daqueles arredores, a fim de pouco a pouco reunir-se de novo a tropa, mas quase sempre com enorme falta de reses. Ou grande ou pequeno, o prejuízo era certo.

Atualmente (1886) é mais difícil acontecer isso. A nossa campanha acha-se povoada de mangueiras, a maior parte delas de pedra; à noite, encerram-se nelas as tropas com toda a segurança. Estas mangueiras são de aluguel. O tropeiro com uma pequena quantia encerra a sua tropa, que deste modo já não fica exposta aos incidentes das antigas rondas, à noite, e em campo raso. Não queremos dizer com isto que já não se rondem tropas à noite; ainda se oferecem ocasiões em que é mister fazê-lo, mormente quando a tropa vem de muito longe”. In: TAVEIRA JÚNIOR, Bernardo. *As provincianas*. Porto Alegre: Movimento; Brasília: MinC/Pró-Memória, INL, 1986. P. 98. Como se verá a seguir, Amaro Juvenal faz alusão à circunstância precária das rondas, indicando uma temporalidade muito recuada de quando escreveu o poema (1915). Ou ele deliberadamente recua a narração da tropeada a um passado muito antigo, ou desconhece – o que seria implausível para um homem alinhado com os avanços técnicos de seu tempo – a nova realidade das mangueiras, retratada por Bernardo Taveira Júnior já em 1886.

<sup>48</sup> LE GRAND, Michel Thierry. “De doenças e lombrigas: escatologia e bestiário no Antônio Chimango”. In: FISCHER, Luís Augusto. *Antônio Chimango: volume 1*. Caxias do Sul: Modelo de Nuvem, 2016. P. 203.

<sup>49</sup> SCHÜLER, Donaldo. *A poesia no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. P. 109.

<sup>50</sup> RABUSKE, Arthur. “III Parte: Um homem chamado Antônio Chimango”. In: *O gaúcho: Martín Fierro e Antônio Chimango*. Separata de estudos leopoldenses n° 39. São Leopoldo: UNISINOS, 1976. P. 48-49.

Em última instância, não se tem base probatória alguma para afirmar ter Ramiro Barcellos se inspirado ou não no poeta latino Juvenal para a criação de seu pseudônimo. Contudo, sendo o autor membro histórico do partido republicano, tendo participado do Congresso responsável por sua criação e tendo convivido com círculos positivistas que compunham tal partido, é de imaginar que ele tenha tido conhecimento de elementos da cultura greco-romana, que tanto animava esta seita. Luís Augusto Fischer registra, em nota:

Os positivistas fanáticos – não era o caso de Júlio de Castilhos, é bom notar – haviam transformado seus conhecimentos em material para uma seita tão radical que forjou até um novo calendário, todo ele em homenagem a “grandes nomes” do passado, dividido em treze meses de 28 dias, com os nomes de Moisés, Homero, Aristóteles, Arquimedes, César, São Paulo, Carlos Magno, Dante, Gutemberg, Shakespeare, Descartes, Frederico e Bichat, numa pretensa representação do apogeu da evolução humana<sup>51</sup>.

Todas as figuras deste verdadeiro panteão ornaram, nichificadas, a parte superior da fachada da Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul. Na rua Riachuelo, despontam, em ordem: Júlio Cesar, São Paulo, Carlos Magno, Dante, Gutemberg e Shakespeare. Na rua General Câmara, que faz esquina com a anterior, aparecem na fachada: Frederico II, Descartes, Aristóteles e Bichat.

\*

A primeira ronda do poemeto campestre soma 32 estrofes, em um total de 192 versos. Destas, 9 fazem parte da instância descritiva do poema, em que um narrador indeterminado conta a história da tropeada e da encerra do gado. As outras 23 estrofes narram a história do *Antônio Chimango*, na voz de tio Lautério.

O próprio Ramiro assinalou em seus manuscritos e na primeira edição da obra a divisão da história destacada por tipos gráficos distintos. Para a primeira parte de cada ronda, o texto vinha em itálico. Na segunda parte, a satírica, o texto voltava ao tipo normal, arredondado. Muitos estudiosos da obra, alumbrados com a revelação deste dado material evidente, interpretaram-na baseados em uma visão binária, ressaltando o caráter supostamente fragmentário e estanque de cada uma das partes das rondas.

---

<sup>51</sup> FISCHER, Luís Augusto. *Antônio Chimango: volume 2*. Caxias do Sul: Modelo de Nuvem, 2016. Nota 1, p. 71.

Contudo, Augusto Meyer, talvez pioneiramente, vislumbrou no poema o trabalho de artesanía e a unidade que reluz em meio aos escombros de sua aparentemente acidentada escrita:

Mas a ideia de enquadrá-la (*a sátira*) nas rondas de tropeiros, contando a história de Antônio Chimango numa espécie de intermédio, que participa do “caso” e da sátira, deu outra profundidade ao poema, verdadeiro exemplo de congeminção poética, isto é, de criação dupla e simultânea, onde, sem quebra da unidade essencial, e em perfeita harmonia com o ritmo de pausa das rondas, logo notamos duas faces alternadas de uma só consonância<sup>52</sup>.

Se nos for lícita uma comparação, pense-se em uma composição operística, que, via de regra, tem, em sua narrativa, entremeados movimentos dançantes, cenas pitorescas e cortesãs que, vistas sem acurácia, parecem desmanchar a unidade dramática do todo. No entanto, quase sempre, esses movimentos servem para aclimatar o espectador no universo da ficção, além de revelar os conflitos amorosos dos seus personagens. Richard Wagner, contudo, acabou com esta compreensão musical. Introduziu o *leitmotiv* na composição, em que cada personagem ressurgia em cena acompanhado pela melodia que animava sua história particular.

A primeira estrofe do poema inicia com uma oferta, um singelo coquetel molotov em que o autor, reposicionando e destacando em itálico as palavras que lhe foram dirigidas por Borges de Medeiros em telegrama<sup>53</sup> a Pinheiro Machado, ressuscitava sua velha arma retórica: utilizar as palavras do adversário para melhor atacá-lo:

## AO RIO GRANDE

### Oferta

Velho gaúcho – *Insaciável*  
 De fazer aos mandões guerra,  
 Nestas páginas encerra  
 Por um pendor invencível –  
 Seu amor – *Incorrigível*  
 Às tradições desta terra.

<sup>52</sup> MEYER, Augusto. “Estudo crítico”. In: JUVENAL, Amaro. *Antônio Chimango*. 3ª edição refundida. Porto Alegre: Globo, 1961. P. 10.

<sup>53</sup> Ver reprodução do telegrama no Anexo 16.

Bem observada, esta estrofe já oferece o mote da sátira que se vai desenhar. Aqui, os termos utilizados por Borges contra Ramiro são relocalados na ordem da identidade gaúcha que se busca valorizar. Borges é emparedado e confrontado por um gaúcho tradicional que o desafiava com as virtudes da insaciabilidade e da incorrigibilidade que Borges via como defeitos pessoais de Ramiro.

Nas primeiras 9 estrofes, narra-se o trabalho da encerra da tropa de gado. Apenas um cavalo novo e cansado fica à disposição dos peões. Arruma-se as camas e senta-se em volta do fogo de chão. Carneia-se um boi e come-se à farta. Bebe-se chimarrão. Um piá desafia alguém a contar uma história por um trago de cachaça e é reprimido por um peão mais velho, que o manda buscar outra companhia. Eis que Lautério, “mulato velho mui sério” (Estrofe 8), levanta e anuncia seu canto.

Da estrofe 10 à 32, tio Lautério narra o nascimento e a infância do *Chimango*. Aqui, ele é descrito como mesquinho, flaquito, esmirrado, choquinho, parecido com passarinho. Dão-lhe banho, ao que ele reaje com muito frio, ficando encarangado como um “pintinho pesteadado” (Estrofe 15).

Dão-lhe uma marmelada à guisa de chupeta. Aos três anos, ainda mamava e só sabia falar “teteia” (Estrofe 18), vivendo numa magreza muito feia.

Foi crescendo e ficando cheio de manhas e lombrigas.

A seguir, uma cigana chega ao rancho em que ele vive. Ela tira-lhe a sorte: será preguiçoso, velhaco passarinho e terá jeitinho de raposa. Contudo, “inda há de ser grande cousa” (Estrofe 31).

Já nesta primeira ronda, saltam à vista os espanholismos utilizados pelo autor. Pronomes oblíquos atónos como *lhe* são transformados em *le*, por exemplo. Por essa linguagem mestiça, amontoaram-se interpretações que tentam, das mais diversas formas e com gradações de matiz, comprovar a filiação de *Chimango* com a gauchesca platina, com a linguagem popular campeira, etc.

Na segunda ronda, somam-se igualmente 32 estrofes, das quais 11 narram o trabalho de ronda e 21 prosseguem na história do *Chimango*.

Na primeira parte, da estrofe 33 à 43, a tropa se deita. O gado está bem cuidado. A noite é tranquila, com tempo lindo e nenhum vento. Bebe-se mate e come-se carne com fartura, e ainda se dispõe de água pura. Fica-se ao redor do fogo, até que o tio Lautério chega, sendo provocado pelo piá – o índio da ronda anterior. Depois de uma intensa troca de ofensas, o piá aceita revezar-se na ronda, e Lautério prossegue na sua fabulação.

Na segunda parte, da estrofe 44 à 64, o *Chimango* cresce, muda os dentes, mas continua demonstrando fraqueza física e a ser acometido por moléstias. Em seguida, é levado a um tal baiano, de nome Chalupa, que lhe aplica homeopatia. Padecendo de solitária, o *Chimango* se cura ao tomar semente de abóbora, recomendada pelo médico. Depois de recuperado, é acolhido na casa de seu padrinho, Coronel Prates/Júlio de Castilhos. Adiante, vai à escola, onde um professor muito despreparado o alfabetiza. Por estar ficando moço, o *Chimango* é, adiante, dispensado da escola, recebendo esta notícia com pesar.

O episódio da alfabetização do *Chimango* conta com um tipo de composição considerado de cunho popular, muito arraigada nos cancioneros gaúchos. Recebeu uma continuação do punho de, nada mais, nada menos do que Joaquim Francisco de Assis Brasil<sup>54</sup>.

Assim transcorre a história de sua breve educação formal:

Na Estância havia uma escola  
 Pros filhos da peonada;  
 Escola mui relaxada;  
 O mestre, um velho borracho,  
 Que punha livros abaixo,  
 Mas, pouco ensinava ou nada. (Estrofe 57)

C'uma carta de a-b-c  
 Feita com letra de mão,  
 Grudada num papelão,  
 E sentado na tripeça,  
 Por êste modo começa  
 O mestre a dar-le a lição: (Estrofe 58)

“Esté é o A, primeira letra,  
 Que conhecer muito importa;  
 Veja bem que não é torta;  
 É a primeira que se ataca,

---

<sup>54</sup> A este respeito, ver: DOMINGUES, Fausto J. L. “Aprendendo um abecê gaúcho”. In: FISCHER, Luís Augusto. *Antônio Chimango: volume 1*. Caxias do Sul: Modelo de Nuvem, 2016. P. 151-172.

Tem um feitio de barraca  
C'um pau cruzado na porta. (Estrofe 59)

Esta é a B, tem dois mamulos,  
E, para nunca esquecê-lo,  
Lembre-se dum pessuelo  
Na garupa atravessado,  
Um bôlso pra cada lado  
E um travessão pra sustê-lo. (Estrofe 60)

Menino, preste atenção;  
Não se ponha a olhar pra rua,  
Que o meto já na cafua;  
Entendem vossa mercê?  
Estoutra letra é o C;  
A forma é de meia-lua”. (Estrofe 61)

Aqui aparecem, em três estrofes, a fala de uma personagem, um simples professor da Estância. Ressalte-se o caráter campônio de sua linguagem. Não se iluda; a gauchesca, produção elaborada por sujeitos letrados, é laboriosa e, quanto mais simples, mais denota a virtude de quem a concebe. Estas qualidades de fluidez e simplicidade narrativas e retóricas alçam o *Antônio Chimango* ao estatuto de uma das melhores produções gauchescas, segundo estudiosos.

“Em outras palavras, a gauchesca recebe do autor, geralmente culto, um aprimoramento literário para revelar a vida, os costumes, as vicissitudes e os sentimentos do tipo social gaúcho”<sup>55</sup>.

Ademais, ressalta-se as virtudes particulares do falar campesino expresso no *Chimango*: “O escritor letrado, com extraordinário talento, consegue reproduzir, naturalmente ou através de artifícios, a fala tosca do campesino. Os exemplos mais expressivos, na nossa literatura, são o Blau Nunes e o Tio Lautério”<sup>56</sup>.

Na terceira ronda, somam-se também 32 estrofes, das quais 13 prosseguem na narração da ronda e 19 retomam a história de *Chimango*.

<sup>55</sup> DOMINGUES, Fausto J. L. “Aprendendo um abecê gaúcho”. In: *Op. cit.* P. 158.

<sup>56</sup> Idem. P. 158-159.

Na primeira parte, que vai da sextilha 65 à 77, há uma piora do tempo, que se processa do meio-dia à tarde, e um vento nordeste, conhecido popularmente por ter propriedades quase mágicas de gerar confusão nas pessoas, anuncia um temporal. O sol quase se punha, e pouco se tinha andado com a tropa, sem se ter conseguido saciar a sede do gado. O capataz andou à frente da tropa em busca de um curral para encerrar os animais. Procuram por uma estância chamada Pitangueira, que ficaria a uma légua de distância. Logo ao encerrar o gado a chuva desabou. O dono da estância os recebe muito bem, oferecendo-lhes o galpão, além de “água, lenha, mate doce” (Estrofe 73). Vendo muitas mulheres na estância, armam um baile de improviso. O dono da estância vem acompanhado de sua família assistir ao fandango. Pede, no entanto, que lhes contem a história do *Chimango*.

Assim, na segunda parte desta ronda, Lautério, incitado pelo anfitrião, prossegue em sua narrativa, que vai da estrofe 78 à 96. Aqui, o tempo ficcional regride à quase imemorialidade, relembrando a beleza e a prosperidade da Estância de São Pedro:

Estância linda era aquela,  
Onde a vista se estendia  
Por mais de uma sesmaria  
De campo todo gramado;  
Era de fama seu gado,  
Quer de corte, quer de cria. (Estrofe 78)

Lá não se via macega,  
Tudo grama de forquilha,  
Trevo era mato, e flechilha;  
Muita fartura de aguada;  
Cada cêrca d'invernada  
De moirão de coronilha. (Estrofe 79)

Na estrofe 80, a personagem de Coronel Prates aparece com atribuições positivas: homem de respeito, trabalhador, campeiraço, firme no braço, bom de vista, bom atirador e montador, além de intelectual e seguro no trato com estrangeiros.

Na estrofe 87, Lautério retoma a história do *Chimango*, que havia saído da escola sem saber ler direito, mas um pouco “soletrado”. Ficou na estância vadiando, mas

protegido pelo padrinho. O Coronel Prates, vendo que se criava um vadio, o incumbe de tarefas tidas como subalternas em uma fazenda, como cuidar dos porcos e puxar água de poço:

Mas, vendo o Coronel Prates  
 Que se criava um remisso,  
 Foi le inventando serviço  
 Mesmo ali pelo terreiro:  
 Cuidar porco no chiqueiro,  
 Puxar água num petiço. (Estrofe 89)

O restante da ronda segue ironizando o zelo com que o *Chimango* se dedica às lides mais “baixas” da estância, granjeando, assim, o bem-querer do Coronel. Assim se encerra a terceira ronda:

Ansim foi, como o caruncho,  
 Que penetra num pau duro,  
 Abrindo aos poucos o furo  
 No bem-querer do padrinho.  
 O Chimango era espertinho  
 Em preparar o futuro. (Estrofe 96)

Na quarta ronda, a sequência se desfaz. Ela conta com 50 estrofes, das quais 13 seguem a narração da tropeada e 37 continuam a narrar os tropeços do *Chimango*.

Na primeira parte, que vai da estrofe 97 à 109, o rio Camaquã transborda e a tropa de gado se agita. Fica-se um dia e meio parado a contemplar a enchente. O rio volta ao seu leito, mas a chuva ameaça precipitar. Os tropeiros decidem atravessar o rio a nado, sob pena de, em contrário, terem que conduzir os animais ao local de partida. Lautério, como ponteiro, lidera a tropa e açoita seu cavalo malacara, atravessando o rio. O cruzamento é bem-sucedido. Do outro lado do rio, o gado encerrou-se e acendeu-se um fogo de chão, sobre o qual os peões secaram suas roupas.

A noite cai e atíça a potência telúrica de Lautério, que retoma a sua narração, que vai da estrofe 110 à 146.

Aqui, o *Chimango* já é crescido e prepara sua aproximação do Coronel. Fica evidente que a proteção que recebe de Prates é vista pelo narrador, e, por conseguinte, pelo próprio autor, neste caso, como feitiço. A integridade de Júlio de Castilhos é sempre preservada, fato que não escapou a juízos críticos de estudiosos. Além de figurar no poema com atributos positivos, como bom chefe, forte e competente, Ramiro não se furtou de externar sua admiração pelo Patriarca do republicanismo gaúcho. Quando da morte do líder, em 1903, fato abrupto e inesperado, o autor leu um texto em lauda às virtudes autoritárias do chefe. O texto, em verdade um necrológio, foi pronunciado no Senado na sessão de 26/10/1903, portanto dois dias após a morte do líder, aos 43 anos:

O seu apregoado autoritarismo não era um vício orgânico do caráter, o resultado de um orgulho inconsiderado ou de um amor próprio descabido; não, era antes o produto da mais inabalável fé na verdade política republicana, que ele adotara por convicção repudiando por completo o valor das decisões coletivas irresponsáveis e tendo como mais segura e mais profícua a direção individualizada dos competentes<sup>57</sup>.

Em certa medida, Ramiro promove na sua obra a ressurgência do espectro do patricarca. A vida da Estância hodierna é comparada aos tempos de antanho, em que o líder sabia mandar. Borges seria o corruptor de uma ideologia que teria sido concebida e bem conduzida pelo seu principal autor:

A partir de 1903, os ataques políticos aos líderes republicanos, dentro e fora do PRR, consistem em acusações de traição à herança de Castilhos. E é em nome dessa herança que Borges reivindica sua liderança dentro do PRR. É em nome dessa herança que, por motivos diversos, Wenceslau Escobar, Fernando Abott, João Francisco e Ramiro Barcellos procuram desqualificar a autoridade de Borges de Medeiros ou dividir o PRR<sup>58</sup>.

As comparações, a nível imagético, pautadas na lide campeira:

Se conjugam com outros componentes do temário para criarem imagens de conjunto que sempre respondem ao duplo objetivo de achincalhar o alvo da sátira e de fazer o retrato do mundo das estâncias e das tropas. Ora se ajustam ao tom bucólico predominantemente na evocação da estância do tempo do

<sup>57</sup> FAORO, Raymundo, “Antônio Chimango, algoz de Blau Nunes”. In: Fischer, Luís Augusto. *Antônio Chimango: volume 1*. Caxias do Sul: Modelo de Nuvem, 2016. P. 96.

<sup>58</sup> BOEIRA, Nelson. “O Rio Grande de Augusto Comte”. In: DACANAL, José H. e GONZAGA, Sergius (Org.). *RS: cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. P. 41.

coronel Prates ou merencório quando se retratam os tempos “atuais”, ora ao tom satírico, e até sarcástico, que prevalece no relato de Lautério<sup>59</sup>.

Mais adiante, se verá que a crítica se estende também à religião da seita positivista, envolta em ritos e símbolos quase pétreos, com direito até à adoração de verdadeiras musas, como Clotilde de Vaux, amor platônico de Auguste Comte. Um autor não deixou de notar isto: “Amaro Juvenal não deixou de criticar a ortodoxia castilhistas, o positivismo, sem, contudo, envolver o Coronel Prates, fazendo recair no *Chimango* a responsabilidade pela adoção da esdrúxula religião, que teria sobreposto à sua primeira formação cristã”<sup>60</sup>.

Borges de Medeiros, além de toda a pecha que sobre ele recaía por ser filho de pernambucanos, também é humilhado por adotar uma religião estrangeira, baseada no culto à imagem de um filósofo de terceira linha “d’Oropa” (Estrofe 83). Este traço de anti-gauchidade, se assim se queira, contribui em muito para a construção, por avesso, da imagem de um gaúcho exemplar, nativo, fincado à terra e suas tradições. Sobre Hermes da Fonseca também recaiu essa pecha, embora fosse gaúcho, e é mesmo de estranhar que ele não figure no poemeto. A situação política imediata que motivou o surgimento da obra, ou ao menos despertou em seu autor a consciência das cores com que a iria pintar, é assim esboçada:

O lançamento da candidatura de Hermes da Fonseca para o Senado Federal, em 1915, contava com o apoio irrestrito do governante gaúcho, como resultado de manobra do experiente político-partidário, Senador José Gomes Pinheiro Machado. Ramiro de Barcellos resolve entrar em contato com o chefe do Estado, com a finalidade de levá-lo a operar no sentido da retirada dessa candidatura. Alegava que outros candidatos tinham mais condições para o cargo e eram rio-grandenses, ao passo que o Marechal não o era e, também, não fizera um bom governo quando Presidente da República, não merecendo a confiança do povo<sup>61</sup>.

A quinta e última ronda é composta de 67 estrofes, das quais 22 encerram a narração da tropeada e as 45 finais destrincham a história de *Chimango*.

---

<sup>59</sup> LE GRAND, Michel Thierry. “De doenças e lombrigas: escatologia e bestiário no Antônio Chimango”. In: FISCHER, Luís Augusto. *Antônio Chimango: volume 1*. Caxias do Sul: Modelo de Nuvem, 2016. P. 218.

<sup>60</sup> RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez. *A ditadura republicana no Rio Grande do Sul enquanto empreendimento familiar, segundo Ramiro Barcellos em Antônio Chimango*. FaafTual – Revista Semestral da Faculdade Arthur Thomas. Londrinas, v. 2, nº 2, Dezembro 2015. P. 101.

<sup>61</sup> DEROSSO, Teresinha. *O poemeto campestre Antônio Chimango: uma sátira política*. Ijuí: Livraria Unijuí Editora, 1988. P. 69-70.

Na primeira parte, que vai da estrofe 147 à 168, a tropa e os tropeiros andam, cansados, pelos campos cercados sem fim, onde só se vislumbra o alambrado avançando sobre o horizonte outrora infinito.

Na sextilha 150, a crítica ao governo sobe de tom e vem pela voz do narrador do início das rondas, e não na de tio Lautério:

*O tropeiro que se amole,  
Ou mude de profissão;  
Que o governo tem função  
Mais nobre a desempenhar:  
Gente pra qualificar  
E os preparos da eleição.*

Depois, estoura uma tropa. Em seguida, há sextilhas laudando as virtudes do gaúcho e sua relação íntima com o cavalo, seu único companheiro.

Lautério desponta ao longe, trazendo os trinta gados perdidos, em mais um momento em que sua virtude de destro tropeador é laudada.

A cerca de 1 quilômetro, avistam um campo cercado de pedras, de um tal Maneca Vintém, onde pretendem encerrar o gado.

Na segunda parte, que vai da estrofe 169 à 213, há a notícia da morte do Coronel Prates, causando incredulidade na peonada. Há luto e tristeza na Estância. *Chimango* junta seus apoiadores para assumir o comando:

E o acaso aproveitando,  
Naquela situação bruta  
De andar longe em recruta  
A peonada mais guapa,  
Tomou tudo e até a inhapa  
Sem ter trabalho nem luta. (Estrofe 177).

Em nota, Luís Augusto Fischer registra o seguinte:

De fato, quando da morte de Júlio de Castilhos (24 de outubro de 1903) a “peonada mais guapa”, isto é, os seguidores mais hábeis e corajosos – na opinião do Lautério e certamente de Ramiro -, estava fora do estado, “em

recruta”, isto é, a serviço do Partido Republicano Rio-Grandense. Ramiro e Pinheiro Machado estavam no Senado federal<sup>62</sup>.

Na sextilha 183, aparece pela primeira vez a personagem de José Turuna, figuração de José Gomes Pinheiro Machado. Aí, alude-se às suas boas virtudes, suas posses e sua boa sorte:

Antigamente, da Estância  
Um certo José Turuna,  
Que havia feito fortuna,  
Do coronel protegido,  
Pra outros pagos tinha ido  
Morar nos campos da Tuna. (Estrofe 183)

Era um gaúcho atrevido  
Quer de a pé, quer de a cavalo,  
Cola atada ao cantagalo;  
Prata em penca na guaiaca,  
Dispondo de muita vaca,  
Levava a vida em regalo. (Estrofe 184)

Tinha uma estância asseada,  
Galpão coberto de zinco,  
Mangueiras, tudo era um brinco;  
Não perdia uma carreira;  
Se um le batia – primeira -,  
Já tinha o cinquenta e cinco. (Estrofe 185)

José Turuna concorria à herança da estância, por ocasião da morte do Coronel. Contudo, o *Chimango* trata de se associar com ele para comandá-la. Clara alusão ao apoio

---

<sup>62</sup> FISCHER, Luís Augusto. *Antônio Chimango: volume 1*. Caxias do Sul: Modelo de Nuvem, 2016. Nota 4, p. 63.

que Borges pediu a Pinheiro Machado para viabilizar a campanha de Hermes da Fonseca ao Senado.

As últimas sextilhas relatam os desmandos do *Chimango* no comando da estância, sua rígida política econômica quanto à produção agrícola e as péssimas condições dos campos e do gado. Num final quase escatológico, prevê-se a dispersão do gado e o fim dos campos, o que representaria um golpe irreversível nas condições concretas de realização do modo de vida do gaúcho primitivo ou mesmo do peão de estância, já integrado em sua economia. Seria, portanto, a previsão do êxodo que estava por ocorrer e que propiciaria um novo ciclo na literatura gaúcha.

Detalhe pouco e mal explorado são os conselhos de Aureliano, figuração de Aurélio Veríssimo de Bittencourt, ministrados ao *Chimango*. Ali tem-se, por assim dizer, as regras do bom governar. Introduzido na estrofe 121, seus conselhos se estendem até a estrofe 136. É de se notar, como fez Luís Augusto Fischer, que Coronel Prates/Júlio de Castilhos passa a palavra e incumbe Aureliano de ministrar ao *Chimango* as lições mais sujas de como lidar com o poder. Mais uma vez, a tentativa de preservar a imagem do patriarca.

Raymundo Faoro, estribando-se nestas sextilhas, sugere que há uma admiração por assim dizer incondicional de Ramiro por Júlio de Castilhos e, conseqüentemente, pelo autoritarismo de sua gestão. Repare-se, contudo, que os conselhos são ministrados e acatados pelo *Chimango*, alvo da sátira, o que reforça o distanciamento do autor, pelo menos em teoria, em relação ao conteúdo desses conselhos. “Ramiro sofria, como Júlio de Castilhos, de amor por uma espécie de aristocracia autoritária dos competentes. A voz do coração lhe sugeria, talvez, a ditadura de bombachas ilustrada por alguns homens de inteligência<sup>63</sup>”. Faoro enxerga no poema a crítica ao poder exercido pelos incompetentes, e não necessariamente ao autoritarismo. Ramiro exigia o vigor de um verdadeiro chefe, não de um mandão. Sátira menor, personalista, crítica aos mandões e não ao autoritarismo, denúncia de um governante inepto ou de um modo de governar como um todo, o certo é que Antônio *Chimango* fornece elementos para a crônica de um momento político brasileiro, a República Velha, e do republicanismo gaúcho. Ele propicia análises argutas sobre o fenômeno do coronelismo, não se justificando sua exclusão do rol de obras clássicas brasileiras. Luís Augusto Fischer narra um curioso fato a este respeito:

---

<sup>63</sup> FAORO, Raymundo. “Antônio Chimango, algoz de Blau Nunes”. In: FISCHER, Luís Augusto. *Antônio Chimango: volume 1*. Caxias do Sul: Modelo de Nuvem, 2016. P. 97.

Para registrar: poucos anos atrás, tomei a iniciativa de sugerir a inclusão de *Antônio Chimango* em uma coleção de textos clássicos brasileiros, coleção de prestigiosa editora de São Paulo que publicou memórias, crônicas e livros de viagens, entre outros, do passado nacional. Encaminhei a quem de direito e, supunha eu, de dever, e o resultado foi que a obra de Amaro Juvenal, não obstante ser talvez o único libelo claramente antipositivista, e ainda mais vazado em forma satírica interessante para a história mental da Primeira República, foi considerada “de interesse apenas regional”. É mais um caso em que, ao tentar o Rio Grande do Sul lidar com sua brasilidade, o Brasil parece não considerar o Rio Grande como parte orgânica da nação. Como disse o escritor argentino Ricardo Piglia em certo texto, é um daqueles casos em que os paranóicos (nós, os gaúchos) descobrem ter inimigos reais<sup>64</sup>.

O titânico crítico literário Augusto Meyer também clama pela atenção dos críticos para o fundo histórico pulsante nesta sátira:

E as duas metades que completam o poema – de um lado os trabalhos campeiros, do outro a sátira política – glosam a seu modo um período da história rio-grandense que ainda não achou historiador.  
[...] Algum dia, num futuro mais ou menos remoto, ainda há de conquistar o poemeto campestre de Amaro Juvenal o posto que lhe cabe, na interpretação das nossas lutas políticas<sup>65</sup>.

*Antônio Chimango* seria, ainda, segundo outros autores:

Uma lamentação pelo fim de um tempo, de um mundo, de uma era. [...] A chegada do letrado republicano ao poder, letrado pouco gaúcho segundo a opinião do poema, representa de fato o fim do ciclo heroico sulino, que comportava figuras como Blau, o peão experiente no campo e na guerra<sup>66</sup>.

Analisando a teorização de Faoro sobre o alcance da sátira aos poderosos, esses mesmos autores afirmam:

Assim a organização da obra é induzida pelo dado histórico, mas exige o olho do futuro autor de *Os donos do poder* para que se torne explícito que o chimango, no poema só um esperto mandão da fictícia Estância de São Pedro, é mais do que apenas Borges de Medeiros, é o descendente de uma linhagem autoritária de representantes de Estado que tratam de dominar caudilhos e seguidores<sup>67</sup>.

---

<sup>64</sup> JUVENAL, Amaro. *Antônio Chimango e outros textos*. Ensaio e notas de Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. Nota 5, p. 139.

<sup>65</sup> MEYER, Augusto. “Estudo crítico”. In: Idem. *Antônio Chimango*. 3ª edição refundida. Porto Alegre: Globo, 1961. P. 5.

<sup>66</sup> VIZEU ARAÚJO, Homero; FISCHER, Luís Augusto. *Raymundo Faoro, leitor de Simões Lopes Neto e de Ramiro Barcellos*. Nonada: Letras em Revista. Porto Alegre, ano 15, nº 19, p. 76.

<sup>67</sup> Idem. P. 81.

\*

Poucas obras de ficção permitem comprovar suas alusões históricas. *Antônio Chimango*, contudo, é uma dessas obras, e Teresinha Derosso<sup>68</sup>, em trabalho apresentado como TCC, no ano de 1983 – ano da inauguração deste tipo de trabalho na universidade em que se formou, Unijuí -, tenta elucidar esta relação. No poema, as figuras de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros se escondem sob os nomes de Coronel Prates e Antônio Chimango, respectivamente. Celestino Sachet<sup>69</sup> completa “[...] José Turuna, Pinheiro Machado; Aureliano, Aurélio Veríssimo de Bittencourt”. Ambos os autores devem ter consultado as chaves de interpretação oferecidas por Augusto Meyer e Oscar Bastian Pinto nas notas que eles apõem à edição crítica do poema. Cabe citá-las para fins didáticos:

*Estância de S. Pedro* = Rio Grande do Sul, antiga Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul; *Campos da Tuna* = Rio de Janeiro; *Antônio Chimango* = Antônio Augusto Borges de Medeiros; *Coronel Prates* = Júlio Prates de Castilhos; *José Turuna* = José Gomes Pinheiro Machado; *Aureliano* = Aurélio Veríssimo de Bittencourt; *Outra religião* = o positivismo; *Outra mulher* = Clotilde de Vaux; *Damásio* (episódio inédito) = Protásio Alves<sup>70</sup>.

Carlos Reverbel<sup>71</sup>, em prefácio à 21ª edição da obra, reconstitui o histórico das edições do poema e atenta para um fato no mínimo curioso. As suas duas primeiras edições, a primeira ainda durante a vida do autor, em 1915, e a segunda em 1923, continham na capa, como subtítulo, a seguinte frase: “poemeto campestre”. Somente nas edições posteriores inclui-se a frase “sátira política”, evidenciando o perigo que o conteúdo da obra oferecia nos contextos das duas primeiras edições: 1915, ano da eleição senatorial em que Ramiro concorreu contra Hermes da Fonseca, e 1923, ano da chamada Revolução de 1923, em que se levantaram armas contra a tentativa da quinta reeleição de Borges de Medeiros.

---

<sup>68</sup> DEROSSO, Teresinha. *O poemeto campestre Antônio Chimango: uma sátira política*. Ijuí: Livraria Unijuí Editora, 1988. P. 15.

<sup>69</sup> SACHET, Celestino. *A sátira em Antônio Chimango e Martin Fierro*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 24, n. 3, setembro de 1989. P. 45.

<sup>70</sup> MEYER, Augusto; PINTO, Oscar Bastian. “Notas”. In: JUVENAL, Amaro. *Antônio Chimango*. 3ª edição refundida. Porto Alegre: Globo, 1961. P. 116.

<sup>71</sup> REVERBEL, Carlos. “Prefácio”. In: JUVENAL, Amaro. *Antônio chimango: poemeto campestre (sátira política)*. 21ª edição. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 1978. P. 8-9.

\*

Teresinha Derosso propõe a existência de duas histórias na obra: a primeira é a história das rondas, onde são relatados os trabalhos dos tropeiros para os seus patrões, os estancieiros. Essa narração é feita pelo “eu poético” em 68 estrofes, intercaladas com 145 estrofes que representam a segunda história – a da sátira política. Nessa história, o “eu poético” confunde-se com a personagem de Tio Lautério. Essa personagem narra as peripécias de *Antônio Chimango* e exerce papel importante no enredo, pois, além de exercer a função da tropeada, alegra o ambiente cantando ao som de sua gaita.

Carlos Alexandre Baumgarten<sup>72</sup> propõe divisão semelhante, porém mais sistemática. Defende a existência de duas instâncias narrativas no interior da obra; instâncias que não se excluem, mas que são distintas em relação ao conteúdo de que tratam. Estes dois planos representam o cruzamento do discurso ficcional com o discurso histórico. A primeira instância, denominada “instância do literário”, é ocupada por um narrador observador, ou autor implícito, e descreve a campanha sul-rio-grandense, focando a psicologia, os hábitos e os costumes do gaúcho. A segunda instância, denominada “instância da história”, é conduzida pela narrativa do tropeiro Tio Lautério. Nessa instância, recuperam-se os momentos histórico e político do início do século XX e a trajetória de Borges de Medeiros.

O mesmo autor<sup>73</sup> propõe a seguinte divisão, que norteou e facilitou a leitura e a exemplificação das temáticas presentes nas estrofes:

**1ª instância: Oferta. 1 sextilha**

1ª ronda. 9 sextilhas = 1ª à 9ª

2ª ronda. 11 sextilhas = 33ª à 43ª

3ª ronda. 13 sextilhas = 65ª à 77ª

4ª ronda. 13 sextilhas = 97ª à 109ª

5ª ronda. 22 sextilhas = 147ª à 168ª

**2ª instância: 1ª ronda. 23 sextilhas = 10ª à 32ª**

2ª ronda. 21 sextilhas = 44ª à 64ª

3ª ronda. 19 sextilhas = 78ª à 96ª

---

<sup>72</sup> BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Ficção e História em Antônio Chimango*. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 27, nº 1, março 1992. P. 63-77.

<sup>73</sup> Idem. P. 67.

4ª ronda. 37 sextilhas = 110ª à 146ª

5ª ronda. 45 sextilhas = 169ª à 213ª

O início de todos os capítulos, formados por cinco rondas, principiam com a descrição de cenas gauchescas: os gaúchos conduzindo a tropa de animais pelos campos durante o dia, e os pernoites quando escurece ou chega um temporal. Segundo Raymundo Faoro:

É a ética heroica que soa, agonicamente, na sátira ao Antônio Chimango, tecendo a estrutura de fundo da parte descritiva (*ou da instância do literário*) do poema, onde se narram os costumes do campeiro. Ela é um apelo às paixões e aos impulsos desenfreados, um chamado à vida primária dos instintos, cristalizando-se na procura do heroico<sup>74</sup>.

Algumas estrofes do poema tratam de definir a constituição desse ideal de gaúcho, descrevendo sua constituição moral, dotada de atributos exclusivamente positivos. Destacam-se como atributos sua franqueza, hospitalidade, valentia e seriedade, como demonstram as sextilhas 73 e 155:

Mui franco o dono da casa,  
Moço guapo e bonanchão,  
Ofereceu logo o galpão,  
Água, lenha, mate doce;  
Parecia até que fosse  
A tropa de um seu irmão. (Estrofe 73)

Nas trevas da negra noite  
O gaúcho destemido,  
Corre, seguindo o ruído,  
Sem medo ou temor da morte;  
E vai, sem rumo e sem norte,  
Guiado só pelo ouvido. (Estrofe 155)

---

<sup>74</sup> FAORO, Raymundo. “Antônio Chimango, algoz de Blau Nunes”. In: TARGA, Luiz Roberto Pecoits (Org.) *Breve inventário de temas do sul*. Porto Alegre: UFRGS: FEE; Lajeado: UNIVATES, 1998. P. 43-44.

Sobre as estrofes, Baumgarten<sup>75</sup> comenta que Amaro Juvenal reproduz a mesma visão do gaúcho-herói elaborada pela narrativa sul-rio-grandense do final do século XIX e início do século XX, presente nas obras de Alcides Maya, Simões Lopes Neto, Roque Callage e outros, e completa:

Como se pode ver, a primeira instância (*instância do literário*) procura preservar a figura do gaúcho-herói, elaboração literária do mito do gaúcho, característica do regionalismo literário sulino. Com este procedimento, Amaro Juvenal garante a inclusão de sua obra no processo literário sul-rio-grandense, via regionalismo, não se constituindo, portanto, num caso à parte como inicialmente se poderia pensar<sup>76</sup>.

Ao longo de todo o poema, passado e presente se alternam, juntamente com a glorificação do primeiro e a denúncia da decadência do segundo. Nesse sentido, alguns autores, como o anterior, convergem para o argumento de que a motivação para isso é o estofo de uma ideologia conservadora. Baumgarten dissecou os elementos que configuram a obra como ideologicamente conservadora, sendo eles: a exploração do mito do gaúcho, de acordo com o estabelecido pelo regionalismo literário sulino; a utilização da sátira que visa não ao ataque às instituições, que aparecem como boas, mas unicamente à pessoa de Borges de Medeiros; a supervalorização do passado (velho) em detrimento do presente (novo) e a primazia que confere ao rural (estância) sobre o urbano, mascarando o presente sul-rio-grandense (século XX), que já é o espelho do processo crescente de urbanização do estado<sup>77</sup>.

Raymundo Faoro interpreta de outra forma a supervalorização do passado que se manifesta na obra, atribuindo isso ao que chama de “ética heroica”, que Amaro Juvenal reproduziria na obra, e segundo a qual o único governo legítimo é o dos que podem mandar. Nesse sentido, as figuras de Júlio de Castilhos (Coronel Prates) e Pinheiro Machado (José Turuna) são louvadas por sua destreza em mandar, como nas estrofes 80 e 186, respectivamente:

Tudo em orde e bem cuidado,  
Cada coisa em seu lugar;  
Sabia o dono mandar

<sup>75</sup> BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Ficção e História em Antônio Chimango*. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 27, nº 1, março 1992. P. 69-71.

<sup>76</sup> Idem. P. 71.

<sup>77</sup> Idem. P. 75.

À peonada gaúcha.  
 O coronel Prates, cuepucha!  
 Tinha um dom particular. (Estrofe 80)

Astuto por natureza,  
 Com fama de valentia,  
 O certo é que êle sabia  
 Impor c'um ar soberano  
 E sempre ganhar de mano  
 No jôgo em que se metia. (Estrofe 186)

A segunda instância, a da história, traz o relato de Tio Lautério sobre *Antônio Chimango*, que representa no poema o oposto do campeiro: ele é fraco, manhoso, palaciano, nas palavras de Faoro. É, ainda, subserviente ao Coronel Prates, que representa Júlio de Castilhos. Segundo Faoro “Ramiro sofria, como Júlio de Castilhos, de amor por uma espécie de aristocracia autoritária dos competentes”. E completa: “A voz do coração lhe sugeria, talvez, a ditadura de bombachas ilustrada por alguns homens de inteligência”<sup>78</sup>. Essas palavras permitem entender a estrofe 141, também citada no artigo de Faoro:

O povo é como boi manso,  
 Quando novilho atropela,  
 Bufa, pula, se arrepela,  
 Escrapateia e se zanga;  
 Depois... vem lambar a canga  
 E torna-se amigo dela.

A partir da divisão temática do poema nas duas instâncias sugeridas, e com a exemplificação com algumas estrofes, fica visível a manipulação no enredo, através da sátira e da descrição, de elementos da cultura gauchesca. Enquanto na primeira instância fixa-se a imagem do gaúcho mítico, heroico, fixado à terra e aos seus costumes, na segunda instância se elabora a figura do anti-herói, *Antônio Chimango*. Esse anti-herói é

---

<sup>78</sup> FAORO, Raymundo. “Antônio Chimango, algoz de Blau Nunes”. In: TARGA, Luiz Roberto Pecoits (Org.) *Breve inventário de temas do sul*. Porto Alegre: UFRGS: FEE; Lajeado: UNIVATES, 1998. P. 45.

em tudo diferente do gaúcho mítico-heroico: seus hábitos alimentares são distintos – em lugar de churrasco e chimarrão, cangica, rolão, pastel; não possui afinidade com as lides campeiras, mas, sim, com atividades tidas como próprias das mulheres, e, por fim, sua conformação moral é negativa e marcada pela covardia, subserviência, falsidade e dissimulação. As estrofes 44, 45, 47, 92 e 182 expõem esses traços:

Tinha já mudado os dentes  
E andava de camisola  
O chimango, um tramanzola,  
Molhava à noite o pelego;  
Tinha medo de morcêgo,  
Corria, vendo pistola. (Estrofe 44)

No meio da gurizada,  
Quando brincava de laço,  
Era o Chimango o paião,  
Nunca acertava um pealo;  
E se montava a cavalo,  
Não troteava... era no passo. (Estrofe 45)

Isso então... era um alarme!  
Feijão, milho assado, mel  
Cangica, rolão, pastel...  
Tudo, tudo êle topava;  
Parece que sempre andava  
Às voltas c'o Rafael. (Estrofe 47)

Tinha grande habilidade,  
Com seu jeitinho de mico,  
Pra fazer um mexerico  
E armar com manha uma intriga;  
Logo que havia uma briga,  
Já le metia no bico. (Estrofe 92)

Quem nasce pra ser mandado  
 Já traz marca na picanha;  
 E não dança a meia-canha  
 Sem que outro toque a viola;  
 Sempre a cabresto e na cola;  
 Andar só é que êle estranha. (Estrofe 182)

Ainda na instância da história, há referências a outras figuras da história e política sul-rio-grandenses do período, e que o estudo de Teresinha Derosso trata de identificar. Encontra-se, nesse caso, a personagem de Coronel Prates, que representa a figura de Júlio de Castilhos. Este, ao contrário do afilhado (*Antônio Chimango*, ou Borges de Medeiros), conserva os atributos do herói nos hábitos, nas habilidades e na fortaleza moral:

Era um home de respeito,  
 Trabalhador, camperação;  
 Tinha firmeza no braço,  
 Na vista a mesma firmeza;  
 Pois, era aquela certeza  
 Quando sacudia o laço! (Estrofe 81)

O mesmo não acontece com José Pinheiro Machado, que sofre crítica e é satirizado por ser dissimulado e astuto. Sua personagem situa-se numa faixa intermediária, pois, como na estrofe supracitada, observa-se nela algumas qualidades do gaúcho-herói, sobressaindo-se a valentia e a identificação com o cavalo nas atividades campeiras.

As alusões históricas se estendem, podendo ser identificado outro paralelo, conforme demonstra Baumgarten: entre o Rio Grande de Júlio de Castilhos e o de Borges de Medeiros e Pinheiro Machado<sup>79</sup>. O estado aparece no poema representado pela “Estância de São Pedro”, que, nos tempos de Castilhos, era ordenada, justa e próspera. Nos tempos de Borges de Medeiros e, portanto, do próprio autor que o critica, destacam-se a decadência, a injustiça e a desordem social. Esta oposição se evidencia nas estrofes 196, 197, 198 e 199:

---

<sup>79</sup> BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Ficção e História em Antônio Chimango*. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 27, nº 1, março 1992. P. 74.

Tudo o que era de valor  
Daquela gente campeira  
Que tinha feito carreira  
Quando o coronel vivia,  
Não vale nada hoje em dia,  
Não passa de bagaceira. (Estrofe 196)

Pobre Estância de S. Pedro  
Que tanta fama gozaste!  
Como assim te transformaste  
Dentro de tão poucos anos,  
De destinos tão tiranos  
Não há ninguém que te afaste! (Estrofe 197)

Qu' é da tua cavalhada,  
Qu' é daquele lindo gado  
Escolhido e bem criado  
Naqueles campos de lei,  
Onde o gaúcho era rei  
E agora é negro surrado? (Estrofe 198)

Na mão do triste Chimango  
O arvoredo está no mato;  
O gado... é só carrapato;  
O campo... cheio de praga.  
Tudo depressa se estraga,  
No poder de um insensato. (Estrofe 199)

Passado e presente, herói e anti-herói, o poema veicula duas temporalidades e dois traços morais que se alternam e se confrontam. Enxergamos, através dos versos que compõem a obra, duas faces do gaúcho: uma heroica, mítica, a olhar pra trás e agonizar, e a outra decadente, claudicante, a fitar o horizonte. Ambas, porém, instáveis e fruto de disputas retórica e política.

Ramiro Barcellos, através de *Antônio Chimango*, cumpre uma função qualificada como menor dentro da sátira. Os autores consultados concordam que a motivação mais imediata para a composição da obra foi a desavença política entre o autor e o político Borges de Medeiros, mas não harmonizam em relação à importância ocupada pela obra na literatura sul-rio-grandense ou mesmo na literatura brasileira. Demonstrou-se, porém, que o conteúdo da obra, e aquilo que ele manipula, transcende a motivação imediata da mesma, e se insere numa dimensão superior à da mera briga política. Na obra, vê-se a luta e a disputa pelo Rio Grande do Sul e por um modo de governo diferente. Os elementos manipulados no poema evocam a figura mítica de um gaúcho anterior à fronteira, que tinha no cavalo seu amigo e que não temia “morcego”. Acompanha seus passos noite adentro e denuncia os desmandos daqueles que são tidos como mandões.

### 2.2.3. O poema no sistema: *Antônio Chimango* e a gauchesca

Há uma longa discussão sobre a origem e as influências sofridas pelo cancionero popular gaúcho. Além disso, discute-se também a linguagem empregada pelos poetas gauchescos que reivindicam filiação a esta matriz literária. Alguns remontam ao cancionero galaico-português as influências para o nosso cancionero. Daí viria a suposta naturalidade e simplicidade de sua linguagem. Sílvio Júlio, folclorista e estudioso das sociedades pampianas, defende, em um texto de intenções confusas, que a poesia popular e folclórica não buscava efeitos de beleza, ao contrário das composições galaico-portuguesas, influenciadas pelo trovadorismo provençal<sup>80</sup>. Segundo este autor:

A supervivência de esparsos e substituídos conceitos, que resistem envoltos em lugares-comuns com grande variedade e continuam a mover-se entre núcleos culturais que não adquiriram nova filosofia, eis o que dá ao folclórico uma feição estranha à arte literária, que absorve, no fundo e na forma, o progresso social e das ideias<sup>81</sup>.

Não inexistem aqueles que afirmam ser o *Antônio Chimango* poema embebido de folclore. Seria, pois, esse poema uma peça vulgar de folclore que, não tocada ou avessa às novidades literárias, buscaria cristalizar em uma linguagem mestiça a imagem de uma eterna província?

---

<sup>80</sup> JÚLIO, Sílvio. *Elementos populares no trovadorismo galaico-português*. Província de São Pedro: Porto Alegre, (10): 124-133, 1947.

<sup>81</sup> Idem. P. 125.

Outros autores afirmam que pressuposto para que um texto seja considerado folclórico é seu caráter anônimo. Via de regra, porém, o que se consome no Rio Grande do Sul como literatura “gauchesca” é produção de letrados, quase todos urbanos. Por isso “O poeta popular busca as melhores palavras, a linguagem mais correta, ao contrário do poeta gauchesco, culto ou erudito, que procura, com naturalidade, imitar a voz popular e o vocabulário localista<sup>82</sup>”.

A relação do *Chimango* com a gauchesca, contudo, tem raízes mais fundas. Alguns o vinculam à tradição platina, buscando paralelos mais ou menos plausíveis. Não se cansou de associá-lo ao Martín Fierro, tanto pelo modelo estrófico idêntico que ambos adotam, quanto pelo tipo de sátira e conteúdo de fundo que constroem. Contudo, como muitos autores salientam, isso não passa de mera analogia. Em última instância, pouco elucidada sobre os significados profundos do *Chimango*, e muito menos sobre os de Martín Fierro em relação com a cultura em que surgiu.

O mais interessante em *Chimango* é a construção laboriosa que ele empreende, na qual erige-se a figura de um gaúcho heroico que não é mais aquele tipo ideal, guerreiro, em suma, monarca das coxilhas:

Estamos aqui bem longe do monarca das coxilhas, que domina o próprio destino com a simples força da vontade. O Tatu e os tropeiros de Lautério lutam contra o destino, precisamente porque não o controlam. São, por isso, heróis mais convincentes que o dândi gauchesco, tão seguro de si mesmo que parece jamais ter enfrentado uma súbita enchente do Camaquã<sup>83</sup>.

A escolha da sátira parece ter sido muito acertada, também. Como responder a uma acusação fictícia e, em princípio, não endereçável?

Provavelmente há, na própria escolha da forma que serviu como veículo da sátira no poemeto/panfleto de Ramiro Barcellos, uma diversidade de fatores (adequação para uma difusão nas diversas camadas sociais, possibilidades de transmissão tanto escrita como oral, drible da inevitável censura, etc)<sup>84</sup>.

Como dito:

---

<sup>82</sup> DOMINGUES, Fausto J. L. “Aprendendo um abecê gaúcho”. In: FISCHER, Luís Augusto. *Antônio Chimango: volume 1*. Caxias do Sul: Modelo de Nuvem, 2016. P. 161.

<sup>83</sup> BOTELHO, José Francisco. “Antônio Chimango, um clássico da campanha”. In: *op. cit.* P. 185.

<sup>84</sup> LE GRAND, Michel Thierry. “De doenças e lombrigas: escatologia e bestiário no Antônio Chimango”. In: *op. cit.* P. 220.

Escondendo-se sob o escudo da sátira, o autor sentiu-se protegido de qualquer ameaça; caso alguém lançasse dúvidas quanto ao caráter de ficção da obra, nada poderia ser provado contra ele, pois o que está explícito é a história gauchesca. O implícito fica por conta da verossimilhança (ou não) que é característica do texto literário<sup>85</sup>.

Projétil preciso, encapsulado na forma de sátira, o *Antônio Chimango* atravessou décadas e mais de um século. Exatamente por fazer alusão, mesmo que implicitamente, a figuras políticas reais e a eventos por elas protagonizados, é que pode ser adaptada a outros contextos. Fosse universal, gozaria do status de mito.

Pode muito bem ser verdade que Ramiro Barcellos tenha buscado atingir unicamente o chefe do seu partido com o poema que escreveu. Contudo, é tão verdade quanto aquela a de que ele logrou atingir em cheio muito mais do que o espantinho que o atormentava. A crítica, que é um exercício que sempre, em alguma medida, desautoriza o autor, tem explorado a grande visada sociológica que a leitura de *Antônio Chimango* permite. Com ele temos o elogio ao governo justo dos fortes, e a crítica do governo injusto dos que apenas mandam. Quisera o autor, talvez, mirar as planuras infundas de coxilhas desalambreadas, onde o gado correria solto, onde o contrabando estivesse proibido, o tráfico de escravos extinto, a vacinação tornada pública, a estância em “orde e bem cuidada”.

### 2.3. O lugar de *Antônio Chimango* em nossa literatura: a visão de literatos

A avaliação das qualidades do *Chimango* desenvolveu-se em vários matizes. Tido, inicialmente, como sátira política, seu conteúdo social importava mais aos leitores e críticos. Não que a sátira não importe aqui, pelo contrário. Mas, com o tempo e com o desenvolver da crítica, passou-se a contemplar, também, as qualidades literárias, por assim dizer internas, do poema. Talvez por isso um autor tenha afirmado que:

O Antônio Chimango, poemeto campestre, como foi rotulado por seu autor, tornou-se um dos maiores legados literários recebidos pelos gaúchos. É inquestionável [...] que seu aparecimento, em 1915, [...] assinala a fundação da nossa autêntica literatura poética gauchesca<sup>86</sup>.

<sup>85</sup> DEROSSO, Teresinha. *O poemeto campestre Antônio Ximango: uma sátira política*. Ijuí: Liv. UNIJUÍ Ed., 1988. P. 74.

<sup>86</sup> DOMINGUES, Fausto J. L. “Aprendendo um abecê gaúcho”. In: FISCHER, Luís Augusto. *Antônio Chimango: volume 1*. Caxias do Sul: Modelo de Nuvem, 2016. P. 162.

As qualidades literárias do texto, que aqui tanto frisamos, são as responsáveis pela profunda pervasão que logrou conquistar na memória popular gaúcha. Somam-se já alguns relatos de campeiros que, iletrados ou pouco introduzidos no mundo das letras, declamavam de cor sextilhas do poemeto ou as recebiam de outrem e as fixavam na memória. Augusto Meyer relata lembranças disso, Maria Helena Martins estuda a recepção popular da obra e José Francisco Botelho também cita um caso de um velho peão de Bagé que ouvia os versos do *Chimango* declamados por seu primo mais jovem, que era letrado e buscava agradar a peonada com sua leitura.

Buscasse o autor, Ramiro, enobrecer seu texto com calosidades verbais e adjetivas, talvez não obtivesse o êxito que o tempo lhe concedeu. Se em seu poema o verso falha, uma boa imagem trata de despertar o efeito desejado.

Vagando do reconhecimento de que a sátira tem abrangência e validade quase universais, até a compreensão de que a obra seria mero panfleto político, escrita no calor da hora para desopilar o fígado intoxicado de seu autor, a crítica deixou, assim, o rastro de suas inclinações políticas atrás de si. É preciso, portanto, vasculhar a contrapelo o documento que se tem em mãos. Verdadeiro monumento, traz no seu bronze a assinatura dos que o legaram a nós.

Há, contudo, aqueles que vejam em *Chimango* o puro marulhar de uma cascata que deságua em seu leito, naturalmente. Isso parece improvável. Os manuscritos do trabalho do autor revelam o esmero com que buscou suas rimas, a sintaxe precisa de suas estrofes, os termos mais adequados para a descrição de cenas e lidas campeiras. Como exemplo desta visão romantizada do processo criativo de *Chimango*, pode-se mencionar um trecho de estudo do abalizado crítico literário Guilhermino Cesar, impecável “nomais”, quando este diz que a associação do *Chimango* ao seu considerado congênere argentino, o Martín Fierro, seria equivocada, posto que este buscaria valor literário e aquele, não<sup>87</sup>.

Lothar Hessel<sup>88</sup> também reconhece no poemeto ao menos três qualidades literárias que o distinguiriam dos seus primos de gauchesca platinos: agilidade, amenidade e graça.

Não esconderiam, porém, estas qualidades o laborioso trabalho de um esteta que ousou golpear os espectros que o atormentavam com o agulhão de sua sátira?

---

<sup>87</sup> CESAR, Guilhermino. *Época, merecimento e influência de Antônio Chimango*. Província de São Pedro: Porto Alegre, (6), 1946. P. 137.

<sup>88</sup> HESSEL, Lothar. *Intercambios culturales en el poema Antonio Chimango*. Organon. Porto Alegre, v. 14, 1969. P. 5-23.

### Capítulo 3. O castilhismo e o borgismo: como nasce *Antônio Chimango* e a crítica de tio Lautério ao mandonato republicano<sup>89</sup>

Ideologicamente motivada pelo Positivismo, que pregava a promoção do progresso econômico sem alteração da ordem social, a instalação da República no Rio Grande do Sul teve como primeiro ideólogo e estadista Júlio de Castilhos. Adotando um governo autoritário e centralizado, este foi autor quase único da Constituição Estadual de 14 de julho de 1891, que dentre outras medidas nela constantes destacava a limitação estadual do Poder Legislativo, com a transformação das Assembleias Legislativas em “orçamentárias”, o fortalecimento do Poder Executivo, com a utilização de decretos que tinham valor de lei e a possibilidade de reeleição do presidente estadual, que permitiu a “eternização dos republicanos no poder”.

Houve revoltas da oposição, como a chamada “Revolução Federalista” (1893-1895), que reuniu, de um lado, opositoristas (ex-liberais, ex-conservadores e até alguns republicanos dissidentes), unidos no Partido Federalista, em torno da figura de Gaspar Silveira Martins, e governistas republicanos, liderados por Júlio de Castilhos e reunidos no PRR. O grupo governista tinha apoio do Exército brasileiro, através da adesão do então presidente Floriano Peixoto. As principais consequências dessa revolta foram a consolidação dos republicanos no poder e uma reconfiguração da base social de apoio ao governo, que buscava, agora, respaldo nos novos setores da oligarquia rural, nos profissionais liberais, comerciantes e funcionários públicos das zonas urbanas.

Em 1898, Júlio de Castilhos passa o governo a Borges de Medeiros, que seguiu no estado o regime republicano, autoritário e centralizado. Novos tempos, porém, exigiram novas posturas, sendo, algumas delas as estratégias de repressão aos opositores, com o uso da força militar armada (exército e Brigada Militar) e a busca de construção de consenso, com a realização de alianças com setores sociais como o dos comerciantes, industriais, camadas médias urbanas etc. A partir da segunda década do século XX, o Rio

---

<sup>89</sup> Todas as citações indiretas feitas neste capítulo baseiam-se nas seguintes obras: KÜHN, Fábio. “O Rio Grande do Sul durante a República Velha”. In: *Breve história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002. P. 111-124; PESAVENTO, Sandra Jatay. “A República Positivista”. In: *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. P. 42-68; LOVE, Joseph L. *O regionalismo gaúcho e as origens da revolução de 1930*. São Paulo: Perspectiva, 1975; TRINDADE, Hégio. *Poder legislativo e autoritarismo no Rio Grande do Sul: 1891-1937*. Porto Alegre: Sulina, 1980; OSÓRIO, Joaquim Luís. *Partidos políticos no Rio Grande do Sul: período republicano*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa, 1992. Primeira edição: Porto Alegre: Livraria do Globo, 1930 e MAESTRI, Mário. *Uma história do Rio Grande do Sul: da pré-história aos dias atuais. Volume 3: A república velha: desenvolvimento, consolidação e crise do capitalismo regional – 1889-1930*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

Grande do Sul passa a destacar-se no cenário nacional, com a atuação do senador gaúcho Pinheiro Machado. Seu poder residia no controle que tinha sobre as comissões apuradoras do Congresso.

Nesse contexto, imerso em alianças espúrias e dominado pelo chamado “coronelismo”, surge a desavença, frequentemente citada como principal fato motivador da concepção da obra, entre Ramiro Barcellos e Borges de Medeiros. Carlos Reverbel, em prefácio à 21ª edição de *Antônio Chimango*, já citada, reconstitui os eventos. No ano de 1915, por sugestão de Pinheiro Machado, Borges aceitou o nome do marechal Hermes da Fonseca para concorrer ao Senado pelo Rio Grande do Sul. Ramiro Barcellos, apoiado por alguns próceres do PRR, insurgiu-se contra essa indicação, passando a liderar uma facção dissidente que o lançou à disputa pelo posto no Senado. Tendo sido vergonhosamente derrotado, escreveu *Antônio Chimango*, contribuindo para reproduzir essa alcunha aos políticos republicanos do PRR, o que se estendeu até o período da chamada Revolução de 23, anos depois de sua morte.

\*

Até o final do século XIX, o Rio Grande do Sul era uma província – depois de 1889 e a partir de 1891, com a aprovação da Constituição Estadual, mais acendadamente, ganha o estatuto de estado – de economia hegemonicamente pastoril, muito desenvolvida na Campanha rio-grandense. É exatamente ao grupo hegemônico que comandava esta atividade agro-pastoril que a identidade gaúcha fazia referência, nele buscando cristalizar a imagem do gaúcho heroico e campeiro:

Bastante interessante é o fato de que o debate a respeito da natureza do caráter do gaúcho tem focalizado exclusivamente uma das subculturas do Rio Grande, o complexo pastoril, um modo de vida ao qual somente uma minoria de rio-grandenses hoje está ligada<sup>90</sup>.

Aos poucos os ideais republicanos começam a surgir no Rio de Janeiro e São Paulo. Um grupo de estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo retorna a Porto Alegre e ali funda o Club Republicano em 1878, porém apenas em 1880 surge na cidade uma efervescência republicana mais forte e organizada.

---

<sup>90</sup> LOVE, Joseph L. *O regionalismo gaúcho e as origens da revolução de 1930*. São Paulo: Perspectiva, 1975. P. 4.

Em fevereiro de 1882, os republicanos gaúchos efetivaram sua primeira convenção, organizando formalmente o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR).

Esses republicanos levantavam o clamor de 1870: Centralização-Desmembramento, Descentralização-Unidade, palavras de ordem que passaram a figurar no próprio lema do jornal oficial do partido, A Federação. Mencionavam a possibilidade de separarem-se do Brasil, retomando o ideal dos Farrapos, na Convenção Republicana de 23 de fevereiro de 1882. Outro traço ideológico deste grupo era a defesa do abolicionismo e do positivismo.

O projeto para a criação do jornal foi discutido e aprovado num congresso do PRR em 1883, e as primeiras cópias de A Federação saíram das impressoras em 1º de janeiro de 1884. Neste mesmo ano, Joaquim Francisco Assis Brasil elegeu-se para a Assembleia Provincial.

Nos últimos anos do Império, o PRR começou a modificar-se no sentido de se tornar uma organização mais firme, processo que teve continuidade nos três primeiros anos da República. Os republicanos gaúchos foram gradativamente ficando sob o domínio do editor do órgão partidário, Júlio de Castilhos, que possuía a qualidade especial de inspirar fanatismo em seus seguidores e ódio em seus adversários. De fato, a personalidade e a ideologia de Castilhos pesaram nos acontecimentos subsequentes da história do Rio Grande do Sul<sup>91</sup>.

É assim que Assis Brasil, inicialmente um republicano histórico, descreve o líder do Partido, comparando-o a Silveira Martins, após sua morte em 1903:

Não tinha no mesmo grau as qualidades brilhantes do tribuno do Império; mas supria-as completamente com o equilíbrio da inteligência, com a tenacidade no estudo e na ação e, o que é mais importante para o êxito, abrigava no peito, constantemente, através de vicissitudes e triunfos, essa ponderada e refletida ambição de governar e de mandar, sem a qual homem algum chegará ao poder, a não ser em circunstâncias excepcionais (...) Castilhos dispunha ainda de outra condição que o tornava apto para o papel saliente que realmente representou na política: era esse dom misterioso de fazer prosélitos, de submeter as vontades de outros homens à sua, de impor confiança e obediência<sup>92</sup>.

Como se vê, não só os correligionários atentam para as características distintas do Patriarca, mas mesmo os futuros dissidentes do Partido, como Assis Brasil e Ramiro Barcellos. A declaração do tribuno também serve para desmistificar a ideia de que Borges de Medeiros seria o detentor isolado do atribuído autoritarismo do partido.

<sup>91</sup> LOVE, Joseph L. *O regionalismo gaúcho e as origens da revolução de 1930*. São Paulo: Perspectiva, 1975. P. 35.

<sup>92</sup> BRASIL, Assis. *Dictadura, parlamentarismo, democracia*. Porto Alegre, s/e, 1928. P. 41 APUD LOVE, Joseph. *Op. cit.* P. 36

Contudo, a fama e admiração incondicionais de que gozava o líder vieram mais tarde, e principalmente através da estabilidade crescente que o republicanismo logrou conquistar no Estado, depois da devastação da guerra federalista. Um dado contundente da instabilidade do regime republicano no sul é o de que “Da proclamação da República, em novembro de 89 até a primeira posse de Júlio de Castilhos, após ter sido aprovada a Constituição pelo Congresso Constituinte, sucederam-se seis governos”<sup>93</sup>.

Nessa assembleia, em que aprovou-se a Constituição estadual, decidiu-se por:

Debater medidas que fariam o Executivo ainda mais poderoso do que no projeto original. Quando saiu a Constituição, uma versão quase inalterada do original de Castilhos, suas provisões importantes eram: 1) Legislativo unicameral com autoridade restrita a questões orçamentárias; 2) Executivo com mandato de cinco anos e com poderes de legislar por decreto sobre questões não-financeiras, a menos que a maioria das Câmaras Municipais rejeitasse uma lei determinada; 3) nomeação do Vice-Governador pelo próprio Governador; 4) reeleição consecutiva do Governador, contanto que obtivesse três quartos da votação total; e 5) ampla e estrita separação dos poderes “espirituais e “temporais”<sup>94</sup>.

Aos poucos, conquistada a hegemonia no Legislativo e com o poder executivo nas mãos, procedeu-se à diversificação econômica do Estado, promovendo o deslocamento do favoritismo dado ao sistema dos grandes latifundiários da Campanha gaúcha. É este mundo em transição que serve de inspiração ao *Antônio Chimango* e que dificulta, destarte, a leitura da obra em termos estritamente ideológicos, como se verá a seguir:

A mudança tecnológica, especialmente a introdução de ferrovias, a cerca de arame e novas raças de gado, criou um fenômeno social novo nas regiões de pecuária, em particular na Campanha: o deslocamento e marginalização crescentes das camadas de gaúcho, conforme as grandes estâncias iam necessitando de um número cada vez menor de vaqueiros não-especializados. Era o crescimento, por conseguinte, e não a estagnação, que levava ao desemprego na Campanha<sup>95</sup>.

Eis um retrato sucinto da hegemonia adquirida pelo PRR e por seu maior líder:

Em sua ascensão à posição de autoridade incontestável, tivera que pôr de lado uma organização cujos bastiões pareciam inexpugnáveis apenas três anos antes; ao adquirir o poder, transformou-se em déspota e alienou-se de muitos

---

<sup>93</sup> TRINDADE, Héglio. *Poder legislativo e autoritarismo no Rio Grande do Sul: 1891-1937*. Porto Alegre: Sulina, 1980. P. 53.

<sup>94</sup> LOVE, Joseph L. *O regionalismo gaúcho e as origens da revolução de 1930*. São Paulo: Perspectiva, 1975. P. 49.

<sup>95</sup> Idem. P. 59.

de seus companheiros, propagandistas republicanos. Por volta de 1892, sua autoridade política era completa: a máquina castilhistas controlava o Executivo, o Legislativo, os governos municipais e a organização policial do Estado<sup>96</sup>.

\*

A organização do PRR remonta à Convenção de 23/02/1882, que se reuniu em Porto Alegre, convocada pelo Club Republicano. A circular dessa convocação data de 12/12/1881 e foi assinada por Felicíssimo Manoel de Azevedo, Appelles Porto Alegre, Luis Leseigneur, Ramiro Barcellos e Demétrio Nunes Ribeiro.

Na convenção, fixaram-se os princípios gerais da propaganda do novo órgão republicano que se gestava. A ideia era a de divulgar as ideias republicanas de modo argumentativo, com caráter pacífico e moderado, educando, instruindo, persuadindo e convencendo, afastando todas as ideias revolucionárias que prezassem pelo progresso sem ordem.

Em 10/05/1884, reuniu-se o 3º Congresso Republicano, sob a presidência de Venâncio Aires, que foi o primeiro diretor do jornal *A Federação*. Nesse congresso aprovaram-se as bases para o programa dos candidatos republicanos. Buscava esse programa a transformação das províncias em estados autônomos e confederados, sob a forma republicana, com um legislativo central, um Tribunal Superior de Justiça, um Exército e uma armada nacionais, concurso proporcional de todos os Estados para as despesas nacionais, um plano geral de viação como garantia da defesa do território nacional, do desenvolvimento industrial do país, facilitando as suas relações interiores.

As bases de ação ainda sob a égide do regime monárquico são a ideia de descentralização provincial, tendo por intenção a eletividade dos presidentes e a perfeita discriminação da economia da província do Estado.

As reformas políticas propostas incluem a extinção do poder moderador e do Conselho de Estado, a temporariedade do Senado, o alargamento do voto, a liberdade de associação e de cultos, a secularização de cemitérios, o casamento civil obrigatório e indissolúvel, sem prejuízo da voluntária observância das cerimônias religiosas conforme os ritos dos cônjuges, além da derrogação de toda jurisdição administrativa, do registro civil dos nascimentos e óbitos, da liberdade de comércio e indústria, da liberdade de ensino – “ensine quem souber e quiser” – e como puder.

---

<sup>96</sup> LOVE, Joseph L. *O regionalismo gaúcho e as origens da revolução de 1930*. São Paulo: Perspectiva, 1975. P. 50.

A abolição da escravidão é dogma para os correligionários, assim como a busca da redução de impostos às menores taxas possíveis.

Na redação da Constituição Federal republicana, os constituintes rio-grandenses propuseram a separação das rendas federais e estaduais, a abolição da dualidade de câmaras, o reconhecimento expresso da privativa competência dos estados quanto à decretação das suas leis civis, criminais e comerciais, a eleição do presidente e vice-presidente da República por sufrágio direto da nação, a substituição do critério do voto censitário pelo baseado na alfabetização e a liberdade de ensino

O partido definia-se como essencialmente conservador, obedecendo ao lema de “melhorar, conservando”.

Defendia, ainda, o regime federativo e presidencialista e a separação dos poderes espiritual e temporal.

A busca da dinamização econômica, atendendo a demandas das incipientes classes médias urbanas e dos setores colonizadores da Serra, esbarra na necessidade de escoar as reivindicações das massas sem, contudo, ceder-lhes protagonismo. Por isso:

No domínio social, as soluções oferecidas pelo programa do Partido Republicano são as mais conservadoras. Adotada a doutrina da escola positiva, o problema proletário será resolvido sem choques ou perturbações, tal como predisse Augusto Comte, pela incorporação do proletariado na sociedade moderna.

O Estado oferece o exemplo. O sacerdócio político agindo junto aos chefes agrícolas, comerciais e industriais, os terá levado à convicção da indispensável harmonia entre o capital e o trabalho, pela melhor distribuição da riqueza<sup>97</sup>.

O programa do partido fundava-se em quatro grandes ideias centrais: a da fraternidade universal, pelo reconhecimento das liberdades espirituais, políticas e civis, pela preponderância da vida pacífica industrial, pela abolição da guerra de conquista e extinção de todo o espírito militar, recorrendo-se ao arbitramento para resolver as discórdias internas ou internacionais; a da unidade da Pátria Brasileira, consoante a fórmula do Manifesto Republicano de 3 de dezembro de 1870 – Centralização-Desmembramento – Descentralização-Unidade; a da garantia da ordem social, sob a égide da lei, assegurando o livre evoluir moral, intelectual e econômico da Pátria, no sentido da

---

<sup>97</sup> OSÓRIO, Joaquim Luís. *Partidos políticos no Rio Grande do Sul: período republicano*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa, 1992. P. 30. Primeira edição: Porto Alegre: Livraria do Globo, 1930. (Esta obra peca pelas mesmas razões que tornam sua leitura indispensável. Sendo o autor antigo militante, e escrevendo no calor de um movimento que reivindicava o legado castilhistas, a obra oferece, em fartura, detalhes programáticos do PRR, dispersos em manifestos, congressos, anais de sessões da assembleia legislativa etc.).

emancipação completa do indivíduo e da sociedade; e a da liberdade espiritual, pela completa abstenção por parte do governo de toda a ingerência no domínio das crenças e das doutrinas, com a eliminação de quaisquer privilégios nobiliárquico, teológico ou acadêmico. Para alcançar estes objetivos, propugnava um governo republicano e não monárquico (baseado no sufrágio popular, com eleição direta dos chefes executivos federal, estadual e municipal e dos membros das assembleias representativas pelos respectivos eleitores, com garantia de sufrágio a todos os cidadãos maiores de 21 anos, inclusive aos analfabetos e aos religiosos de ordens monásticas; possibilidade de reeleição desde que obtenham três quartos dos votos, no caso dos executivos; voto livre e público), federativo e não unitário (livre exercício da autonomia dos Estados dentre outros), presidencial e não parlamentar e temporal e não espiritual.

As teses financeiras e econômicas defendidas pelo partido preconizam pelo protecionismo, pela repressão ao contrabando pelas fronteiras terrestres e marítimas do país, dentre outras. As teses sociais preveem educação e instrução popular, ensino técnico e profissional, regime de oito horas de trabalho nas oficinas do Estado e nas indústrias, regime de férias aos trabalhadores, proteção aos menores, mulheres e velhos, direito de greve com tribunal de arbitragem para resolver os conflitos entre patrões e operários, aposentadoria dos funcionários em caso de invalidez, abolição das loterias, consideradas viciantes, fim dos festejos que recordem lutas fratricidas etc. Por fim, o Partido Republicano Rio-Grandense sustenta a Bandeira Nacional com sua divisa Ordem e Progresso e adota como insígnias oficiais do Estado as do pavilhão tricolor da “malograda República Rio-Grandense, proclamada em 20 de setembro de 1835”.

\*

Para a melhor compreensão do terreno em que surgiam as ideias republicanas no Rio Grande do Sul, vale lembrar que, até a Proclamação da República, o Partido Liberal, liderado por Gaspar Silveira Martins, era hegemônico em termos de exercício do poder e representação na Assembleia Legislativa Provincial. Isso explica, em parte, o forte abalo sofrido por esta nova oposição quando da tomada do poder pelos republicanos, que, além de se compatibilizarem melhor com os anseios do governo federal, defendiam pautas econômicas que prejudicavam ou, no mínimo, negligenciavam os interesses dos antigos detentores do poder.

Em relação à abolição da escravatura, por exemplo, os correligionários do PRR propunham que ela fosse resolvida segundo as necessidades de cada província, e não se opunham à indenização dos senhores.

As propostas de criação de impostos fundiários e de repressão ao contrabando, levadas a cabo pelo PRR, “incompatibilizavam-no com os latifundiários, que se opunham ao imposto fundiário, ganhavam com o contrabando na fronteira e abominavam as propostas industrialistas<sup>98</sup>”.

Para ilustrar o quadro eleitoral antes da Proclamação e na primeira eleição realizada após este evento, comparem-se os seguintes dados:

Nas eleições provinciais de 1889, o Partido Liberal fizera 25 deputados; o Conservador, 11, e o Republicano, nenhum! O Partido Liberal representava sobretudo os interesses dos grandes criadores da Campanha – Alegrete, Bagé, Dom Pedrito, Itaqui, São Gabriel, Uruguaiana, etc<sup>99</sup>.

Passados dois anos, a realidade era outra:

Em obediência às novas normas eleitorais, a participação eleitoral foi bem mais ampla do que a conhecida durante a Monarquia. Muitos dos novos eleitores pertenciam a segmentos sociais urbanos intermediários, amplamente identificados com as propostas reformistas e autoritárias do castilhismo. Os pequenos proprietários da Serra e no Planalto também sustinham a nova ordem<sup>100</sup>.

Não se depreenda disso, porém, que a conquista da hegemonia por parte do PRR se deu baseada unicamente no domínio ditatorial de um único homem ou de um grupo de poderosos. O fato explica-se muito mais pela agenda político-econômica proposta pelo partido no poder, que se compatibilizava com demandas de novas classes em ascensão. Não sendo um movimento revolucionário, pois isso rasgaria cláusulas pétreas do positivismo, o partido buscou dinamizar e industrializar a economia de grupos pequeno-burgueses e mesmo proto-burgueses:

À medida que o PRR expressou mais e mais o novo bloco social, em contradição com o latifúndio, republicanos históricos, positivistas ou não, abandonaram o PRR para expressar os interesses da grande propriedade pastoril, rompendo ideologicamente com o castilhismo-borgismo, em geral

---

<sup>98</sup> MAESTRI, Mário. *Uma história do Rio Grande do Sul: da pré-história aos dias atuais. Volume 3: A república velha: desenvolvimento, consolidação e crise do capitalismo regional – 1889-1930*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005. P. 10.

<sup>99</sup> Idem. P. 13.

<sup>100</sup> Idem. P. 19.

acusando-o de ditatorial. O principal representante desse movimento foi Assis Brasil<sup>101</sup>.

Aqui, pode-se aventar uma hipótese que explique, parcialmente, a coloratura atingida pela sátira política *Antônio Chimango*. Teria o autor se voltado, como membro de uma acanhada elite latifundiária, para a contemplação da miséria de um mundo que em parte teria sido o seu? O abandono do gado e da estância, representado no poema, a alusão à modernidade da estância de José Turuna, por outro lado, não permitem uma visão precisa a este respeito. Articulista ilustrado, defensor de causas avançadas para o seu tempo, como as da validade dos princípios da vacinação e as causas ecológicas, o autor parece ceder a uma visão integrativa da sociedade, vislumbrando a possibilidade de um avanço que contemple também os interesses daqueles gaúchos dedicados à economia agro-pastoril, em franca decadência por conta da modernização dos campos e dos avanços dos frigoríficos na economia charqueadora.

Quem morria, simbólica e concretamente, era o gaúcho proprietário de terras, da fronteira, da campanha, aquele velho gaúcho já chamado de vaqueiro ou vaqueano, e depois de bom ginete. Morria o gaúcho que se esmerara em resgatar e idealizar. O apoio do novo governo à economia dos imigrantes e das classes urbanas reforçava a inclusão desses grupos em um modelo de gauchidade – ou de gauchismo, se se quiser – que desafiou a tradicional auto-imagem do gaúcho como homem do campo, vinculado ao solo e ao cavalo. Teria o monarca das coxilhas, o farrapo virado um guasca perdido na urbe?

O autor não viveu, contudo, para assistir a uma reviravolta cultural que realocaria, complexificando o velho mito, o gaúcho no ambiente campeiro, investido do *ethos* que lhe era característico, não importando se fosse verdadeiro ou falso:

Apesar da vitória da cidade sobre o campo, em 1893-5, no relativo às representações simbólicas, venceram os grandes fazendeiros. A partir de meados do século seguinte, eles reforçaram a identificação da Revolta Farroupilha como representação máxima do ideário da sociedade latifundiária, através do tradicionalismo. A modernização castilhistas do movimento farrapo naufragou por falta de conteúdo histórico<sup>102</sup>.

A investidura de Borges de Medeiros no poder máximo do Estado, em seu primeiro mandato, em 1898, ocorreu sem reviravoltas, gozando de razoável consenso.

---

<sup>101</sup> Idem. P. 46.

<sup>102</sup> Idem. P. 51.

Pregando por uma gestão discreta e recorrendo à herança do Patriarca do republicanismo gaúcho, o político recebeu o estado já pacificado e com a hegemonia do PRR instalada nos poderes:

Borges de Medeiros, não sendo um republicano engajado na primeira linha da propaganda republicana, nem o mais brilhante sucessor de que poderia utilizar-se o arsenal de líderes republicanos para substituir Castilhos, reunia, porém, as qualidades necessárias à consolidação da hegemonia republicana, seguindo fielmente a obra de seu antecessor, como transparece na sua primeira mensagem à Assembleia de Representantes em setembro de 1898: “Elevado à suprema direção governamental e administrativa do Rio Grande do Sul, pela expressa determinação de sua magnânime vontade, procurarei servir aos seus altos destinos com tanto devotamento, quanto é necessário, para que possa responder à generosa distinção que hei recebido<sup>103</sup>”.

Não havendo registro de grandes discordâncias de Ramiro Barcellos quanto a pautas surgidas durante os mandatos de Borges de Medeiros, uma primeira leitura favorece a opinião de que a sua obra satírica representa um rompante único, isolado, que buscava tisonar a imagem do então presidente por conta de um ato considerado equivocado. Contudo, o que se buscou comprovar é que o conteúdo da obra excede suas motivações imediatas e logra êxito ao ferretear um modo de governo particular, que se assentou durante as gestões de Borges de Medeiros, assim como a um tipo de gaúcho que parecia surgir no horizonte como possibilidade palpável.

O ideal positivista-castilhista pregava a liberdade sob a autoridade, investindo todo o cidadão, em teoria, do direito de gozar do estatus de verdadeiro gaúcho. A liberdade que se apregoava, contudo, parecia não satisfazer os ímpetus campeiros de parcela da população, que sonhava com horizontes sem fim, com estradas irrastráveis e recônditos rios por onde pudessem transportar o gado e o couro.

O velho gaúcho morria, e o que poderia salvá-lo se não um bom mito, este grande criador de história?

---

<sup>103</sup> TRINDADE, Héliogio. *Poder legislativo e autoritarismo no Rio Grande do Sul: 1891-1937*. Porto Alegre: Sulina, 1980. P. 81.

**Considerações finais:** a positividade do gaúcho na sátira política *Antônio Chimango*: potencialidades de desdobramento da pesquisa

Mais interessante no caso – e mais trabalhoso também – seria mostrar como adquiriu lentamente o termo (*gaúcho*) novos matizes de sentido, conforme as reações de meio e momento; como afinal chegou a enfeixar todo um conjunto de sentidos, que poderiam discriminar-se, a traço grosseiro, do seguinte modo: logo de início, para os capitães-generais ou autoridades e primeiros proprietários de terra – ladrão, vagabundo, contrabandista, coureador; para os capitães de milícias e comandantes de tropas empenhados em guerras de fronteiras – bombeiro, chasque, vedeta, isca para o inimigo, bom auxiliar para o munício e remonta; nas guerras de independência do Prata, ou nas campanhas do sul – lanceiro, miliciano; a contar de certo momento histórico, no Rio Grande do Sul, para o homem da cidade – o trabalhador rural, o homem afeito aos serviços do pastoreio, o peão de estância, o agregado, o campeiro, o habitante da campanha; na poesia popular – um sinônimo de bom ginete, campeiro destro, com tendência para identificar-se com os termos guasca, monarca; e finalmente, para quase todos nós – uma palavra tão limpa e tão boa quanto carioca, barriga-verde, capixaba, fluminense<sup>104</sup>.

Eis, acima, um exemplo de estudo genealógico do termo “gaúcho” e sua evolução. Detectando uma ressemantização no termo em meados do século XIX, que, de vagabundo, gaudério e outros, passa a enfeixar junto com outros termos apenas um gentílico, a trajetória desta palavra-conceito nos permite entender melhor o uso que dela fazem os autores de nossas letras.

Fica evidente que Ramiro Barcellos, em *Chimango*, representa aquele homem da cidade que volta sua atenção para os modos de vida campeiros e busca cristalizar neles a identidade de um povo. Em meados do século XIX outro fato contribuiu para a estruturação encomiástica do étimo “gaúcho”: a criação do Partenon Literário. A produção deste grupo, que pode ser classificada, em alguma medida, como de um tardo-romantismo, em muito contribuiu para a construção de um estereótipo de gaúcho campeiro e guerreiro.

A positividade, ou seja, o encômio do gaúcho que é realizado no *Chimango*, contudo, não se manifesta de modo tão simplório como em outras produções. Ao passo em que há, de fato, a fixação de uma identidade baseada em uma sobrevalorização do modo de vida rural, há, por outro lado, alguma humanidade e densidade psicológica nos personagens que a sátira constrói. E não são guerreiros, contrabandistas, que ali figuram, mas gaúchos razoavelmente ordeiros, peões integrados na vida da estância, que esperam

---

<sup>104</sup> MEYER, Augusto. *Gaúcho: história de uma palavra*. Porto Alegre: IEL, 1957. P. 35-36.

por dias melhores. Há, portanto, uma urgência política, um chamado à consciência daquelas criaturas de que elas estão a ser desmandadas. No fundo, soa, agonicamente, a tentativa retórica da condução do gaúcho à clausura do mesmo curral em que ele mal prende seu gado, e sempre em vigília, temendo o intrépido avançar do tempo ou o estrépito de um motor a anunciar o avanço da cidade sobre o campo.

O tom saudosista e conservador da obra, já aventado, pode se justificar pela ambivalência com que o autor se refere ao avanço do cercamento dos campos e do alambrado, e, ademais, pela passagem em que lauda, ambigualmente, o asseio da estância de José Turuna/Pinheiro Machado:

Tinha uma estância asseada,  
Galpão coberto de zinco,  
Mangueiras, tudo era um brinco;  
Não perdia uma carreira;  
Se um le batia – primeira, -  
Já tinha – o cinquenta e cinco. (Estrofe 185)

Por que o elogio da modernidade e do aparato da estância de um personagem que representa, para o autor, o que há de mais vil e pérfido na política? Além disso, saltam à vista as omissões do autor quanto a qualquer tipo de elemento urbano em sua narrativa, qualquer menção mesmo a um dado de vida em cidade que a situe no ambiente concreto em que foi gestada. Todo o estertor de uma época movimentada parece ter sido, aqui, transferido para a consciência de Lautério, que, em dupla visada, divisa um mundo de outro.

Tendo sua identidade formada imprescindivelmente pela relação com o gado, sua carne e seu couro, com o cavalo, sua força, seu lombo, com a boleadeira e o laço<sup>105</sup>, o gaúcho de *Chimango* parece condizer com a miscigenação inegável que nosso povo sofreu no influxo étnico e cultural que o formou. O índio que desafia o velho Lautério, mulato velho, “mui sério”, dá indícios de uma convivência, no centro da narrativa, e com

---

<sup>105</sup> A respeito da formação social do gaúcho e seus elementos constitutivos, ver: REVERBEL, Carlos: *O gaúcho: aspectos de sua formação no Rio Grande e no Rio da Prata*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986 e HESSEL, Lothar. *Gênese, apogeu e declínio do tipo gaúcho*. Cahiers du monde hispanique et lusobrasílien, n° 9, 1967. P. 33-45.

autoridade de fala, no caso de Lautério, de dois elementos essenciais na nossa formação: o índio e o negro.

Neste quesito, a contenda não é menor, mas aqui vale inverter o adágio que recomenda não gastar pólvora com chimango. É longa a tradição historiográfica e folclórica de buscar as raízes mais ou menos puras de nosso povo. Nisso autores fizeram glória e fracassaram. E vale se ressaltar o papel pivotal dos estudos filológicos neste sentido, que, não muito diferente do que ocorreu em uma certa Europa antisemita, embasaram os raciocínios racistas mais canhestros.

É a ambiguidade desta positividade, é este elogio meio indireto, este tiro de raspão mal endereçado, que interessa a um estudo mais amplo que busque perseguir os momentos de construção, com suas continuidades e descontinuidades, do sentido de gaúcho, quer nas narrativas literárias, quer nos documentos históricos mais tradicionais.

É quase consenso que Cyro Martins, se não Dyonélio Machado, encerra um longo ciclo tido como de idealização do gaúcho. Há quem diga que até Simões Lopes Neto esta é uma possibilidade, e que a obra deste autor seria de transição. Pode-se dizer, portanto, que o *Chimango* pertence, já, a um novo ciclo? Moysés Vellinho, em estudo sobre a obra de Dyonélio Machado, assevera:

O que sobretudo me chamou a atenção no escritor que acabava de aparecer, foi um traço que mais tarde haveria de acentuar-se consideravelmente: a preocupação de salientar o homem não na sua caracterização regional, mas na sua expressão permanente. Era uma tendência realizada com modéstia, sem dúvida, mas bastante significativa como reação ao sentido localista que então ainda prevalecia na ficção rio-grandense. A nota psicológica entrava a ganhar terreno sobre as receitas já gastas de um regionalismo que raramente ia além do pitoresco. Quaisquer que sejam as imperfeições que se possam observar na estrutura de seus contos, agita-se neles o pensamento de alguém que já sentiu na consciência o contato com a vida e se dispõe a prestar o seu depoimento. Não mais a exaltação dos heróis estereotipados, quase vazios de substância humana, com os quais tantas vezes a literatura local, mal velando certa inspiração política, buscava reativar virtudes e sentimentos que julgava extintos ou moribundos. Agora, sob o olho de Dyonélio Machado, os heróis perdem as dimensões da legenda, contraem-se, encolhem-se, para descer às murchas proporções dessas pequenas vidas que despertam cada dia de seus pesadelos anônimos e vêm repetidas ou agravadas, debaixo do mesmo sol sem calor, as misérias e atribulações de sempre<sup>106</sup>.

---

<sup>106</sup> VELLINHO, Moysés. *Letras da província*. 2ª edição revista e acrescentada. Porto Alegre: Globo, 1960. P. 69.

Antonio Hohlfeldt, em estudo em que acompanha o desenvolvimento da literatura sobre o gaúcho simultaneamente à realidade em que ele surge e se transmuta, elenca alguns tópicos como conclusão:

Até João Simões Lopes Neto, ainda existe a possibilidade de idealizar o tipo do gaúcho. Por isso mesmo, pode-se visualizar esta obra como de transição. A partir de Alcides Maya, porém, evidencia-se a diferenciação de classes. [...] As principais características do gaúcho estão englobadas na ficção que o toma como tema, mesmo quando o idealiza. Cyro Martins, com a imagem do “gaúcho a pé” completará a (in)volução, que pode ser vislumbrada claramente nos estudos teóricos existentes<sup>107</sup>.

Sem outro critério que não o temporal, soçobra toda a tentativa de estabelecer elos de significação e compreensão de uma obra literária e seu impacto político. A omissão de *Chimango* nestes esboços de cronologia e sistematização são recorrentes. Contentemo-nos, no entanto, com o fato de ele foi escrito três anos após os Contos Gauchescos de Simões Lopes Neto. Estaria o *Chimango*, apenas por isso, e tendo em mente o que o autor citado afirma, integrando um novo ciclo da literatura gaúcha?

Como se vê, a obra, analisada em pormenor, oferece um pouco da psicologia do seu autor: atormentada, acidentada, contraditória, mas íntegra e sadia na sua tentativa de ecoar o alarido de um tempo.

**Aqui, pois,** ponho o arremate,  
na presilha desta história

**E desafio**

Que um outro tenha a vitória

De cantar nalgum fandango **(ou artigo, tcc, dissertação, tese)**

O que mais fez o Chimango

Pra levar São Pedro à Glória.

---

<sup>107</sup> HOHLFELDT, Antonio. *O gaúcho: ficção e realidade*. Rio de Janeiro: Edições Antares; Brasília: INL, 1982. P. 107-108.

**BIBLIOGRAFIA**

BARCELLOS, Ramiro Fortes de. *A revolução de 1835 no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CODEC/AHRS/CORAG, 1987

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Ficção e história em Antônio Chimango*. Letras de hoje. Porto Alegre, v. 27, nº 1, março 1992. P. 63-77.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. 8ª edição revista e ampliada. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

BOSI, Alfredo. *Caminhos entre a literatura e a história*. Estud. av., São Paulo, v. 19, n. 55, p. 315-334, Dez. 2005.

BOSI, Alfredo. *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Ática, 1988.

BOTELHO, José Francisco. “Antônio Chimango, um clássico da campanha”. In: JUVENAL, Amaro. *Antônio Chimango: volume 1*. Caxias do Sul: Modelo de Nuvem, 2016. P. 173-202.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Nacional, 1980.

CESAR, Guilhermino. *Época, merecimento e influência de Antônio Chimango*. Província de São Pedro: Porto Alegre, (6), 135-139, 1946.

CHARTIER, R. “O mundo como representação”. In: *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. P.61-79.

DACANAL, José H.; GONZAGA, Sergius (orgs.). *RS: cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

DEROSSO, Teresinha. *O poemeto campestre Antônio Ximango: uma sátira política*. Ijuí: Liv. UNIJUÍ Ed., 1988.

DOMINGUES, Fausto J. L. “Aprendendo um abecê gaúcho”. In: JUVENAL, Amaro. *Antônio Chimango: volume 1*. Caxias do Sul: Modelo de Nuvem, 2016. P. 151-172.

DOMINGUES, Fausto J. L. “A poesia satírica gaúcha e as edições do Antônio Chimango”. In: JUVENAL, Amaro. *Antônio Chimango: volume 1*. Caxias do Sul: Modelo de Nuvem, 2016. P. 223-234.

FAORO, Raymundo. “Antônio Chimango, algoz de Blau Nunes”. In: JUVENAL, Amaro. *Antônio Chimango: volume 1*. Caxias do Sul: Modelo de Nuvem, 2016. P. 91-98.

FAORO, Raymundo. “Antônio Chimango, algoz de Blau Nunes”. In: TARGA, Luiz Roberto Pecoits (Org.) *Breve inventário de temas do sul*. Porto Alegre: UFRGS: FEE; Lajeado: UNIVATES, 1998. P. 39-46

GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. *De Rio-Grandense a Gaúcho: o triunfo do avesso – um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1877)*. Porto Alegre: Editoras Associadas/ Secretaria Municipal de Cultura – Prefeitura de Porto Alegre, 2009.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *Rio da Prata, século XIX: fronteiras espaciais, textuais e ficcionais*. Diálogos. Maringá (PR), v. 18, n. 1, p. 173-206, jan./abr./2014.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *Servindo à Pátria: Blau, o guasca, da Cisplatina à Guerra do Paraguai. A literatura e a invenção do guerreiro fronteiriço*. In:

ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RS, 12. Rio Grande (RS). Anais... Rio Grande (RS): ANPUH, 2012. P. 160-167.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Fatos que realmente aconteceram? Considerações sobre História e Literatura. In: SILVEIRA, Helder G.; ABREU, Luciano A.; MANSAN, Jaime V. (Org.). *História e ideologia: perspectivas e debates*. Passo Fundo: UPF Editora, 2009. P. 369-384.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *Fronteiras americanas na primeira metade do século XIX: o triunfo das representações nos Estados Unidos da América*. Anos 90, Porto Alegre, n. 18, p. 124-144, dez. 2003.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *O Duplo Espelho: o Humor na Literatura do Rio Grande do Sul*. Anos 90 (UFRGS. Impresso), Porto Alegre, v. 15, 2003. P. 45-70.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Matrero, guerreiro, peão campeiro: aspectos da construção literária do gaúcho. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras Culturais (Brasil, Uruguai, Argentina)*. São Paulo: Ateliê, 2002. P. 108-136.

GUIMARÃES, Denise Azevedo Duarte. *A zoomorfização em Antônio Chimango*. Letras, Curitiba, (23): 93-104, jun., 1975.

HESSEL, Lothar. *Intercambios culturales en el poema Antonio Chimango*. Organon. Porto Alegre, v. 14, 1969. P. 5-23.

HESSEL, Lothar. *Gênese, apogeu e declínio do tipo gaúcho*. Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien, nº 9, 1967. P. 33-45.

HOHLFELDT, Antonio. *O gaúcho: ficção e realidade*. Rio de Janeiro: Edições Antares; Brasília: INL, 1982.

JÚLIO, Sílvio. *Elementos populares no trovadorismo galaico-português*. Província de São Pedro: Porto Alegre, (10): 124-133, 1947.

JUVENAL, Amaro. *Antônio Chimango: volumes 1 e 2*. Caxias do Sul: Modelo de Nuvem, 2016.

JUVENAL, Amaro. *Antônio Chimango e outros textos*. Ensaio e notas de Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

JUVENAL, Amaro. *Antônio chimango: poemeto campestre (sátira política)*. 21ª edição. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 1978.

JUVENAL, Amaro. *Antônio Chimango: poemeto campestre*. 3ª edição refundida. Porto Alegre: Editora Globo, 1961.

KOSELLECK, Reinhart. “História dos conceitos e história social”. In: *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC/RJ, 2006. P. 97-118.

KOSELLECK, Reinhart. *Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos*. Estudos Históricos 5 (10), Rio de Janeiro, 1992. P. 134-146.

KÜHN, Fábio. *Breve história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.

LE GRAND, Michel Thierry. “De doenças e lombrigas: escatologia e bestiário no Antônio Chimango”. In: JUVENAL, Amaro. *Antônio Chimango: volume 1*. Caxias do Sul: Modelo de Nuvem, 2016. P. 203-221.

LOVE, Joseph L. *O regionalismo gaúcho e as origens da revolução de 1930*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

MAESTRI, Mário. *Uma história do Rio Grande do Sul: da pré-história aos dias atuais. Volume 3: A república velha: desenvolvimento, consolidação e crise do capitalismo regional – 1889-1930*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

MARTINS, Maria Helena. *A agonia do heroísmo: contexto e trajetória de Antônio Chimango*. Porto Alegre: Ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; L&PM, 1980.

MEYER, Augusto. *Gaúcho: história de uma palavra*. Porto Alegre: IEL, 1957.

OSÓRIO, Joaquim Luís. *Partidos políticos no Rio Grande do Sul: período republicano*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

RABUSKE, Arthur. *O gaúcho: Martín Fierro e Antônio Chimango*. Separata de Estudos Leopoldenses. São Leopoldo: UNISINOS, 1976.

REVERBEL, Carlos. *O gaúcho: aspectos de sua formação no Rio Grande e no Rio da Prata*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.

RODRIGUÉZ, Ricardo Vélez. *A ditadura republicana no Rio Grande do Sul enquanto empreendimento familiar, segundo Ramiro Barcellos em Antônio Chimango*. FaatTual – Revista Semestral da Faculdade Arthur Thomas, Londrina, v. 2, n. 2, Dezembro 2015. P. 86-105.

ROSA, Terezinha do Carmo Marques da. *Antônio Chimango: Trapaça Salutar De Parceiros Enfrentados*. 178p. Dissertação de mestrado (literatura brasileira). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 1986.

SACHET, Celestino. *A sátira em Antônio Chimango e Martín Fierro*. Letras de hoje. Porto Alegre, v. 24, n. 3, setembro de 1989. P. 43-53.

SCHÜLER, Donaldo. *A poesia no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

SICK, Helmut. *Ornitologia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

TAVEIRA JÚNIOR, Bernardo. *As provincianas*. Porto Alegre: Movimento; Brasília: MinC/Pró-Memória, INL, 1986.

TRINDADE, Hélió. *Poder legislativo e autoritarismo no Rio Grande do Sul: 1891-1937*. Porto Alegre: Sulina, 1980.

VELLINHO, Moysés. *Letras da província*. 2ª edição revista e acrescentada. Porto Alegre: Globo, 1960.

VIZEU ARAÚJO, Homero; FISCHER, Luís Augusto. *Raymundo Faoro, leitor de Simões Lopes Neto e de Ramiro Barcellos*. Nonada: Letras em Revista. Porto Alegre, ano 15, nº 19. P. 71-83.

**ANEXOS**



Anexo 2. Primeiro triolé d'ocasião, publicado em exemplar d'A Federação de 1º/07/1889. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/388653/4615>. Consultado em 09/06/2019.

Anno VI Porto Alegre — Segunda-feira 4 de julho de 1889. Num. 147

RESCRIPTORIO Rua dos Andradas, 391. Federação—unidade

# A FEDERAÇÃO

ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO

Director da redacção, DR. JULIO DE CASTILHOS Gerente da empresa, EDUARDO MARQUES

### Dissolução—eleição

... (text continues) ...

### Novimento republicano

... (text continues) ...

### Triolé d'ocasião

... (text continues) ...

### Discurso

... (text continues) ...

### Discurso

... (text continues) ...

### Discurso

... (text continues) ...













Anexo 9. Oitavo triolê d'ocasião, publicado em exemplar d'A Federação de 09/07/1889. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/388653/4643>. Consultado em 09/06/2019.

Anno VI Porto Alegre — Terça-feira 9 de julho de 1889 Num. 454

REPUBLICANO  
Rua dos Andradas, 131  
Revista mensal, 40 rs.  
ANNUÁRIO ATUALIZADO, 400 rs.

# A FEDERAÇÃO

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO

Director da redacção, JULIO DE CASTILHOS Gerente da empresa, EDUARDO MARQUES

ABONAMENTOS  
Por 6 meses... 34000  
Por 12 meses... 64000  
(Pagamento adiantado)  
COMIÇA EM VILLAGENS TEMPO

---

**Depois da festa**

II

Tudo passou e os restos, não se sabe mais onde estão, mas não são os restos de uma festa, são os restos de uma revolução que se fez e se fez para sempre. A festa acabou, mas a revolução não acabou. A festa acabou, mas a revolução não acabou. A festa acabou, mas a revolução não acabou.

Dr. Silva Tavares

Alguns hoje fogem de casa com medo de serem presos, mas não são os presos de ontem, são os presos de hoje. A revolução não acabou, a revolução não acabou, a revolução não acabou.

**Adesões republicanas**

Dr. Silva Tavares

Alguns hoje fogem de casa com medo de serem presos, mas não são os presos de ontem, são os presos de hoje. A revolução não acabou, a revolução não acabou, a revolução não acabou.

**Trilê d'ocasião**

O' Brasil, o Brasil, o Brasil!  
O' Brasil, o Brasil, o Brasil!  
O' Brasil, o Brasil, o Brasil!





Anexo 12. Manuscrito do poemeto, retirado da 3ª edição Globo, 1961. Detalhe para a estrofe que aparece abaixo de uma ata eleitoral da campanha ao Senado para qual Ramiro concorreu em 1915.

Por esta procuração constituo o Sr.

meu representante junto a mesa eleitoral  
do \_\_\_\_\_ districto \_\_\_\_\_ do municipio de \_\_\_\_\_

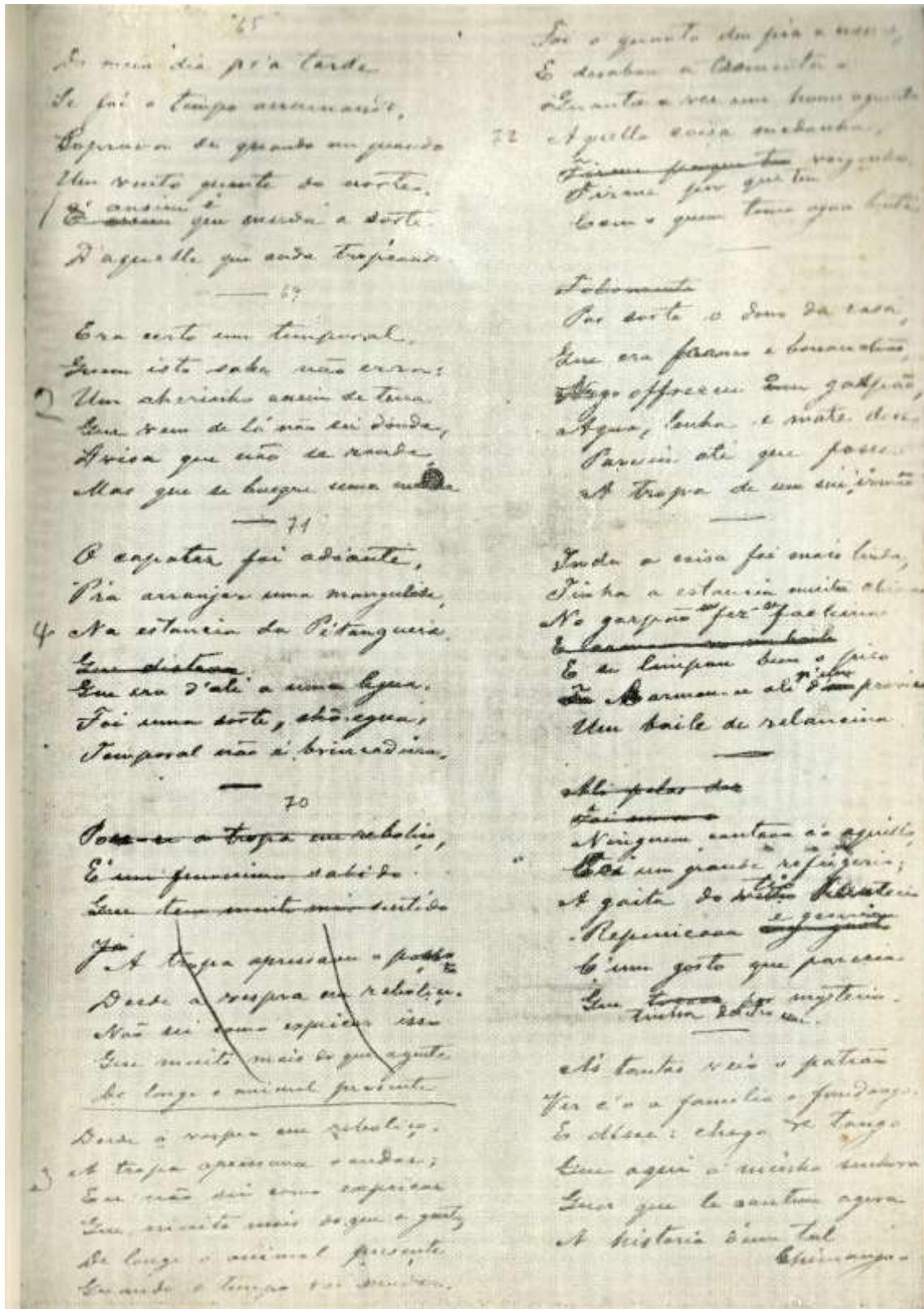
para que, na qualidade de fiscal, acompanhe a eleição a reali-  
zar-se a 2 de Agosto do corrente anno — para preenchimento  
da vaga a senatoria pelo Estado do Rio Grande do Sul e  
a qual sou candidato, podendo usar o meu dicto representante  
de todos os direitos outorgados em lei aos fiscaes.

Porto Alegre, de \_\_\_\_\_ de 1915.

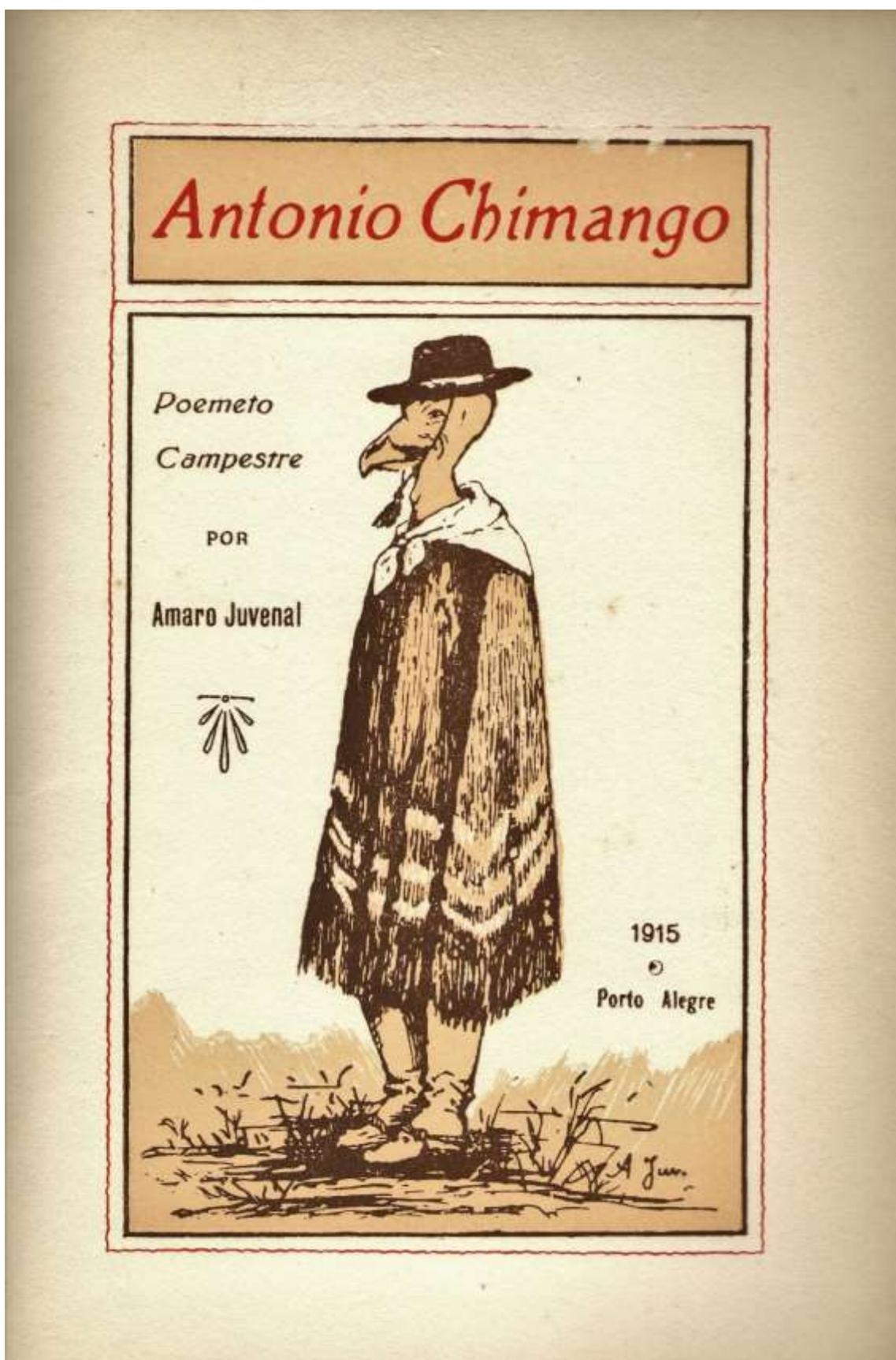
~~Foi de certo e copiado,~~

Pra gente se accommodar  
Veio se dentro a sua bilha,  
Alisou a cabeça e o seu filho,  
Sentou-se a dona a sua filha  
E uma velha serigaita,  
Lançou machou na gaita  
~~Levou a machou a serigaita,~~  
E atirou a seguir bilha;

Anexo 13. Manuscrito do poema, retirado da 3ª edição Globo, 1961.



Anexo 14. Reprodução da capa da primeira edição do poema, retirada da 3ª edição Globo, 1961.



Anexo 15. Reprodução de desenho que teria servido de base para a capa da primeira edição de *Antônio Chimango*. Retirada de: JUVENAL, Amaro. *Antônio Chimango e outros textos*. Ensaio e notas de Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. P. 13.



Anexo 16. Telegrama de Borges de Medeiros a Pinheiro Machado. Trata da chancela, pelo governador, ao apoio oferecido por Pinheiro Machado para viabilizar a campanha de Hermes da Fonseca ao Senado. Aqui, aparecem as palavras *insaciável* e *incorrigível*, dirigidas a Ramiro, que as copiará na Oferta de seu poemeto.

DOCUMENTO N.º 3

TELEGRAMA DE BORGES DE MEDEIROS  
A PINHEIRO MACHADO

*Senador Pinheiro Machado.  
Rio.*

*Forçado absoluto repouso em consequência moléstia que ainda me retém ao leito, não expedi decreto marcando dia eleição senatorial, nem pela mesma razão, vos comuniquei logo a propaganda improvisada por alguns discolos e pretensiosos, tendo à frente Ramiro Barcellos, sempre insaciável e incorrigível. Confiante exemplaríssima, íntegra moral cívica nosso Partido, não receio defecções, nem tibieza, na sustentação da candidatura Hermes. Entretanto, é de bom aviso apressar eleição e lançar desde já oficialmente referida candidatura. Desejo nesse sentido telegrama vosso a mim, fundamentando sumariamente escolha candidato. Publicado com minha expressa solidariedade, na própria proclamação oficial, A Federação encetará defesa diária do candidato. Aguardo vossa resposta. Abraços.*